

**BASTA DE
RACISMO!**

UP

A VERDADE

www.averdade.org.br

Um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo | Brasil, dezembro de 2020 e janeiro de 2021, nº 234, ano 21 | R\$ 2,00

Governo estraga 7 milhões de testes de Covid e quer privatizar o SUS



Milhões de testes foram escondidos num armazém em São Paulo. Por quê?

Milhões de brasileiros não conseguem fazer o teste de RT-PCR porque o posto de saúde diz que está faltando. Também não têm R\$ 300 para pagar o exame num laboratório particular. Mas o que ninguém sabia é que o Governo Federal entulhou num armazém, em Guarulhos (SP), sete milhões

de testes para diagnóstico de Covid-19, que perderão a validade entre o final de dezembro e janeiro. Esse desperdício custou aos cofres públicos R\$ 290 milhões. Trata-se de mais um crime do Governo que quer privatizar o SUS, entregando-o para grupos privados cobrarem consultas e exa-

mes dos trabalhadores. Será que se um dos filhos do ex-capitão precisasse fazer o teste ele agiria assim? Até quando este desgoverno vai continuar destruindo o Brasil e massacrando o povo?

Página 3

ELEIÇÕES 2020

**Povo vota contra
desgoverno do
ex-capitão**

Páginas 4 e 6

Jesus Cristo: “Os pobres possuirão a Terra”

Conheça a verdadeira história de Jesus Cristo e da sua luta contra os falsos profetas e os “malditos ricos”. Ele sentenciou: “os pobres possuirão a terra”.

Página 12



FRASE DO MÊS

“George Bush é um assassino, prefiro ser amigo de Fidel”

Diego Maradona (1960-2020)

Privatização causou apagão no Amapá

SOS

“Região Norte, ferida aberta pelo progresso, sugada pelos sulistas e amputada pela consciência nacional”. Trecho de uma música da banda Mosaico de Ravena, sucesso nos anos 1980 no Norte do Brasil. É a pura realidade e, aqui no Amapá, isso faz ainda mais sentido agora.

Apagão no Amapá. Tristeza, desespero e revolta. São os sentimentos do povo amapaense, que sofre com o descaso das autoridades e a irresponsabilidade da empresa privada Linhas de Macapá Transmissora de Energia (LMTE).

A empresa pertence hoje majoritariamente ao grupo Gemini Energy, controlado por um fundo de investimentos chamado Starboard Asset. A Gemini Energy possui 85,04% do controle da LMTE, enquanto a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), uma autarquia vinculada ao Ministério da Integração Nacional, é responsável por 14,96%.

Em 2008, a empresa espanhola Isolux conquistou a concessão das linhas de transmissão do Pará para o Amapá por 30 anos. Após uma série de problemas financeiros, a Isolux entrou em processo de recuperação judicial em 2016. No final de 2019, vendeu a concessionária LMTE à Gemini Energy.

Pesadelo de três semanas

Numa terça-feira, dia 03 de novembro, noite de chuva torrencial e forte tempestade de raios, o Amapá (que possui 862 mil habitantes) sofreu um blecaute, em 13 dos seus 16 municípios. A princípio, achávamos que seria mais uma queda de energia, que é recorrente, pois o parque energético está cada vez mais sucateado. Porém, as primeiras mensagens que chegavam nas

redes sociais era de que um incêndio estava ocorrendo na subestação de Macapá devido a um raio que teria atingido um dos transformadores. Posteriormente, investigação preliminar da Polícia Civil apontou que não havia indícios de queda de raio no transformador, mas sim um provável superaquecimento.

Foram cinco dias de apagão total! Cinco dias sem energia elétrica! Um absurdo! Como consequência, o abastecimento de água também foi prejudicado. Quem possui caixa d'água ainda conseguiu manter os serviços domésticos básicos por dois ou três dias, mas a maioria da população ficou totalmente sem água. Além disso, os alimentos começaram a se estragar (o apagão ocorreu no início de mês, período em que as famílias fazem compras em feiras e supermercados para todo o mês).

Comerciantes perderam suas mercadorias e os bancos pararam de funcionar. Consequentemente, as pessoas não tinham como sacar dinheiro para comprar itens básicos de forma emergencial. Sinal de celular e internet caíram por inteiro. Estávamos em total desespero e isolados por falta de comunicação. O caos estava instalado!

Assistimos a cenas de filme pela cidade: gigantescas filas para abastecer o carro em poucos postos que funcionavam; filas para comprar água mineral e gelo (para tentar salvar os alimentos congelados). Filas, filas e mais filas. Os dias foram passando e tudo piorava. Tudo ficava mais caro. O desespero tomou lugar para a revolta.

As notícias que chegavam para a população eram cada vez mais assustadoras. O Amapá não tinha backup para momentos como este (quando

faltasse energia, outro sistema entraria em operação). E o pior, o transformador reserva estava sem manutenção desde 2019. Irresponsabilidade da empresa LMTE em não prestar um bom serviço à população (lembrando que é uma concessão pública) e negligência da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em não fiscalizar. Mais uma prova de que, neste sistema privatista, o lucro está acima dos interesses do povo.

Após o quinto dia de apagão, conseguiram restabelecer a energia em sistema de rodízio. Um desrespeito com o povo, uma humilhação. A todo momento os prazos para restabelecimento eram modificados. Começamos a protestar nas ruas e reivindicar nossos direitos. Como sempre, o Estado estava presente para reprimir a população, que, com razão, lutava para ter o mínimo de dignidade.

Além do sentimento de revolta pelo que estávamos passando, o amapaense percebeu que tem um Estado esquecido.

Toda essa situação trouxe à tona a precariedade do setor de recepção e transmissão de energia. Mostrou o lado sombrio da privatização de serviços essenciais e estratégicos. Até agora, nenhuma manifestação da empresa para com o povo. O poder público, através da Eletronorte, foi quem se empenhou para restabelecer a energia no Amapá.

A empresa leva todo o lucro, o poder público é chamado para “salvar” a empresa da irresponsabilidade e, no meio de tudo isso, a população sofrendo e muito! Lucro para a empresa, prejuízo socializado com o povo, pois arcamos com todo o custo da operação para reparar os danos causados pelo setor privado.

Também veio à tona que



Revolta da população contra o apagão no Amapá

temos quatro hidrelétricas que produzem seis vezes mais energia que o necessário para abastecer todo o Amapá, mas é tudo enviado para outros estados. O Sistema Nacional de energia parece que só serve para a segurança energética dos grandes centros urbanos.

De costas para o povo

No dia 13, a Justiça deferiu pedido formulado pelo senador Randolfe Rodrigues (Rede), que é do Amapá, para garantir a quase 200 mil amapaenses duas parcelas extras do auxílio emergencial de R\$ 600. No entanto, alegando que isso representaria um alto custo aos cofres públicos, a Advocacia Geral da União (AGU), que representa o Governo Federal na esfera judicial, contestou a decisão e foi acatada por um desembargador do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, suspendendo o pagamento.

Enquanto isso, na noite do dia 17, novo apagão e a sensação de que tudo iria se repetir.

Só no dia 21, ou seja, três semanas após o primeiro apagão, o presidente Jair Bolsonaro foi ao Amapá. Como de costume, gerou aglomeração, desfilou com o corpo para fora do carro e fez cena para ativar dois transformadores termoe-

létricos alugados para restabelecer de imediato o pleno funcionamento do sistema elétrico, coisa que não aconteceu. O presidente foi recebido no aeroporto por protestos da população, revoltada com mais uma atitude criminoso contra o povo brasileiro.

Mas as manifestações não se resumiram a esta. Desde os primeiros dias, especialmente em Macapá (que tem aproximadamente 211 mil habitantes) e Santana (123 mil habitantes), foram registrados pela Polícia Militar mais de 120 protestos, a maioria de forma espontânea nos bairros populares. Além de denunciar a situação mais emergencial, os atos cobravam isenção da conta de energia por dois meses; ressarcimento do prejuízo causado pelo apagão; mais assistência a comunidades quilombolas e ribeirinhas; apuração rigorosa sobre as responsabilidades pelo caos vivido pela população.

Vamos continuar protestando, cobrando e lutando para que a concessão da empresa seja cassada. “Quem aceita o mal sem protestar, coopera com ele”. (Martin Luther King)

Luís Lopes (de Macapá) e Redação

A Verdade, 21 anos de luta pela revolução e o socialismo

O jornal *A Verdade* completa 21 anos de existência ininterrupta. Ano após ano, aumentamos nossa tiragem, que hoje circula em 20 estados e no Distrito Federal, estando presente nas principais praças, fábricas, escolas, universidades, bairros e bancas de centenas de cidades. Tudo isso sem nenhum apoio ou publicidade das grandes empresas capitalistas ou do Estado. Sem dúvidas, essa é uma imensa vitória de todos que ao longo desses anos contribuíram com a construção do jornal, seja escreven-

do matérias, distribuindo o jornal para todo o país, fazendo as brigadas, levantando os recursos para sua manutenção e conseguindo novos assinantes.

Em 2020, mesmo com as dificuldades surgidas com a pandemia e com as medidas de isolamento social impostas para conter o avanço do novo coronavírus, *A*



Brigada de *A Verdade* no trem da Central do Brasil

Verdade foi impresso e distribuído por todo país. As briga-

das e agitações nas ruas deram lugar ao porta-a-porta nos bairros, à abordagem individual nas filas da Caixa Econômica, nos pontos de ônibus, feiras e ao trabalho em conjunto com as redes de solidariedade do MLB e da UJR.

Agora, ao completar 21 anos, nos lançamos a mais um desafio: transformar, ainda no primeiro semestre de 2021, *A Verdade* num jornal quinze-

nal, mais dinâmico, ainda mais combativo e comprometido com a luta dos trabalhadores e da juventude pelo socialismo. Para isso, temos a certeza de continuar contando com o apoio e a militância de todos os nossos leitores e colaboradores para levantar as condições materiais necessárias para manter e expandir ainda mais nossa circulação.

Vivam os 21 anos do jornal *A Verdade*! O jornal mais combativo do Brasil!

Da Redação

A VERDADE

End.: Rua Carneiro Vilela, nº 138, 1º andar, Espinheiro, Recife, Pernambuco, Brasil, CEP: 52.050-030 - Telefones: (81) 3427-9367 e 3031-6445 - E-mail: contato@averdade.org.br - Diretor de Redação: Luiz A. Falcão, Projeto gráfico: Guita Kozmhinsky, Jornalista Responsável: Rafael Freire (MTE-PB: 2.570) - Sucursais: SP: (11) 95901-4609, RJ: (21) 98083-4994, MG: (31) 97592-0130 e 99133-0983, BA: (71) 99373-4921 e (75) 99170-3514, SE: (79) 99977-6769, AL: (82) 99660-5667 e 99832-5747, PB: (83) 99900-9050 e 98875-1853, RN: (84) 99688-4375, CE: (85) 98549-9667 e 99759-2295, PI: (86) 98887-5120 e 99989-9601, PA: (91) 98130-3117, AM: (92) 98222-3265, RS: (51) 98197-0054 e 98156-5063, PR: (41) 99233-3111, SC: (48) 99822-2216, GO: (62) 98257-3427 e 98154-0530, MT: (65) 98138-0811, DF: (61) 98283-2560

Governo do ex-capitão joga no lixo milhões de testes de Covid

“Testar, testar e testar” foi a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para impedir a propagação do vírus da Covid-19, que já matou mais de 175 mil no país. Mas esta recomendação nunca foi seguida pelo governo militar no Brasil. O presidente sempre fez piadinhas de mau gosto, como chamar esse maldito vírus de “gripezinha” ou dizer que “todo mundo vai morrer mesmo”. Por isso, milhões de brasileiros ficaram sem saber se tinham contraído ou não o vírus e só iam para o hospital quando estavam em estado muito grave. Muitos perderam suas vidas dessa maneira. Passados nove meses da pandemia, não houve nenhuma mudança nessa situação. Quem tem dinheiro ou um plano de saúde caro, assim que começa a sentir os sintomas faz o teste. Quem não tem, isto é, mais de 180 milhões de brasileiros, enfrenta filas para agendar um teste e muitas vezes não consegue.

O Brasil ficou, portanto, estarecido com a notícia de que sete milhões de testes RT-PCR perderão a validade em dezembro e janeiro de 2021 e serão jogados no lixo. Os tes-

tes foram comprados por R\$ 290 milhões pelo Ministério da Saúde e estão estocados num armazém em Guarulhos, como denunciou o jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 22 de novembro.

Vale lembrar que Bolsonaro demitiu dois médicos, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich do Ministério da Saúde, antes de nomear o general Pazuello, tido como experiente em logística.

Para esconder esse desprezo pela saúde do povo brasileiro, o Governo Federal quer que a Anvisa prorrogue a data da validade dos testes. Mas especialistas como Melanie Fontes-Dutra, pós-doutoranda em Bioquímica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), afirmam que “quando o kit passa do vencimento, as enzimas podem perder sua eficiência e acabar levando a variações no resultado final”.

“E daí?”

Além de jogar testes no lixo, o governo do capitão reformado e dos generais fascistas está sendo investigado pelo Ministério Público e Tribunal de Contas da União por superfaturamento na compra de



General e ex-capitão riem, enquanto o povo morre de Covid-19

insumos para a fabricação da cloroquina pelo Comando do Exército do Brasil. A denúncia do MP questiona o crescimento de 84 vezes na produção do medicamento utilizado para o combate à malária, quando o país e o mundo vivem uma pandemia de Covid-19.

Com efeito, Ministérios da Saúde de dezenas de países e até o Food and Drug Administration (FDA), órgão dos EUA equivalente à Anvisa no país, há tempo revogaram a autorização para uso emergencial de cloroquina para tratamento de novos casos do novo coronavírus. Mesmo assim o

Ministério da Saúde distribuiu 4,3 milhões de comprimidos de 150 mg para todos os estados, mas entulha num armazém os testes de Covid.

Mais corrupção

Ainda tem mais. Depois do envolvimento de Flávio Bolsonaro no escândalo da rachadinha, de o Filho 03 defender a indústria de armas dos EUA, agora é a vez do quarto filho do presidente, o Jair Renan Bolsonaro ser envolvido numa tentativa de beneficiar uma empresa a obter contrato com o Governo Federal.

Jair Renan, informa a revista *Veja*, organizou e parti-

cipou de uma reunião com o patrocinador de sua empresa privada e o ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho. A reunião ocorreu no dia 13 de novembro, com o filho de Bolsonaro e um grupo de empresários da Gramazini Granitos e Mármore, empresa sediada em Cachoeiro de Itapemirim (ES), e que patrocina a Bolsonaro Jr. Eventos e Mídia, que pertence a Jair Renan. A reunião não constou da agenda oficial do ministro e a empresa apresentou uma proposta de construção de casas populares de pedra. O ministério disse que a presença do filho do presidente ocorreu porque ele estava preocupado em “reduzir custos para a União”. Será?

Esse é o retrato de um governo que aumentou para 65 anos a idade para o trabalhador se aposentar, excluiu mais de 15 milhões do auxílio emergencial (e vai extinguir o programa no final de dezembro), quer privatizar o SUS, o Banco do Brasil, os Correios e a Eletrobras e, achando pouco todas essas desgraças, quer a volta da censura e da ditadura militar. Como disse Mafalda: Basta!

Privatização do SUS é para beneficiar grupos privados de saúde

Denise Maia, Rio de Janeiro

O Sistema Único de Saúde (SUS) atende 150 entre os mais de 211 milhões de brasileiros. É um dos maiores serviços públicos de saúde do mundo. Sua abrangência e universalidade revelam toda a importância que tem para a maioria da população, composta por mulheres, crianças, negros, idosos e pessoas de baixa renda.

Diante disso, fomos em busca da opinião dos dois públicos mais importantes do SUS – o usuário e o profissional de saúde – para saber como um sistema público de saúde impacta a vida das pessoas e por que a privatização do setor é uma ameaça à vida dos brasileiros.

A saúde antes do SUS

Muita gente não se lembra ou não sabe, mas o SUS é uma conquista relativamente recente na vida do povo brasileiro. Antes, o que existiu por muitos anos foi o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), que atendia apenas a quem possuía carteira assinada e contribuía para a Previdência. Ou seja, desempregados e trabalhadores informais não tinham direito à saúde pública.

Essa situação levou à criação de um grande movimento social em defesa do direito humano à saúde para todos os brasileiros. “Com o fim da ditadura e a promulgação da nova Constituição, em 1988, o movimento conquistou o SUS e a noção de que o atendimento de saúde devia ser obrigação do Estado brasileiro”, relembra a Dra. Nayá Puertas, médica da Família e diretora do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro.

Ela explica que o SUS possui três níveis de atenção à saúde: primário, secundário e terciário. O primeiro é composto pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS), que são a porta de entrada para o sistema. “São os postos de saúde, que operam próximos aos locais de trabalho e moradia das pessoas, oferecendo consultas e exames de rotina, além de medicamentos e vacinas”. Além disso, existem também as Unidades de Pronto Atendimento (UPA), para casos de urgência, como acidentes, fraturas, infartos e AVCs, por exemplo.

No segundo nível, encontramos serviços especializados localizados em hospitais e ambulatórios, com atendimento direcionado para áreas

como pediatria, cardiologia, neurologia, ortopedia, psiquiatria, ginecologia e outras especialidades médicas.

Por fim, o terceiro nível é composto pelo atendimento de alta complexidade em hospitais de grande porte. É aqui que procedimentos que demandam tecnologia de ponta e custos maiores, como os oncológicos, transplantes e partos de alto risco, são oferecidos gratuitamente à população.

“O governo não tem que privatizar a saúde básica”

Atualmente, todos esses direitos estão sob ameaça, uma vez que o governo Bolsonaro já deixou claro que seu objetivo é acabar com a saúde pública e privatizar o SUS. “Privatizar o atendimento básico, como queria o Governo Federal com o decreto 10.530, seria um verdadeiro genocídio, pois o povo pobre e os trabalhadores desempregados deixariam de ter acesso aos serviços de saúde que hoje são oferecidos pelo SUS”, acredita a Dra. Nayá.

Márcia Barnabé, que é usuária do sistema público de saúde no Rio de Janeiro, também é da opinião de que o SUS deve continuar gratuito. “O posto de saúde é impor-

tante porque somos atendidos na UPA e depois vamos ao posto pegar remédio grátis. Isso tem uma importância grande na nossa vida, principalmente pra gente que é pobre. O governo não tem que privatizar a saúde básica. Tem que pensar na gente que é pobre”, afirma.

SUS sob ataques

Não é segredo para ninguém que a estratégia de sucessivos governos é de primeiro sucatear o SUS para depois vendê-lo. Fazem isso cortando verbas, suspendendo a realização de novos concursos públicos e a contratação de mais profissionais, deixando de comprar remédios e equipamentos para todo o sistema, nos três níveis. “Saio de Cavalcante, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, para ser atendida aqui na terra de bacana (posto de saúde em Copacabana), porque em Cavalcante a saúde está muito ruim”, relata Márcia.

Esses ataques ao SUS explicam, em grande parte, os problemas enfrentados pela população no sistema público de saúde que, com a pandemia, se agravaram. Por isso, é preciso ficar atento para não ser enganado pela falsa pro-

paganda de que “privatizar é a solução”.

“O SUS é um direito conquistado pelo povo. Se não fossem as clínicas da saúde e os postos de saúde, essa pandemia teria causado muito mais mortes”, defende Nayá. “Oferecer atenção básica não se trata de curar a doença, mas de prevenção, que são as vacinas, o acompanhamento da gestante, do bebê quando nasce, do idoso, do adulto, da mulher e do homem”, explica.

Defender o SUS

Sem dúvida, muito ainda terá que ser feito para melhorar as condições de atendimento no SUS. Mas uma coisa é certa: priorizar a saúde pública é garantir a qualidade de vida de uma população massacrada pela desigualdade social. Um governo que privatiza a saúde atende unicamente aos interesses dos planos de saúde privados em detrimento da saúde da maioria da população. Ou seja, busca através da morte do povo pobre o enriquecimento de uma minoria capitalista rica.

Por isso, defender o SUS é uma bandeira de luta importantíssima que precisa ser levantada por todo o povo.

Fascistas são derrotados nas eleições municipais

A agitação política mais ampla e a organização de grandes campanhas políticas constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária à atividade, se esta atividade for verdadeiramente socialista.

V.I. Lênin. Que Fazer?

Luiz Falcão

O resultado das eleições municipais revelou a enorme rejeição do povo brasileiro ao governo militar do capitão reformado Jair Bolsonaro e a sua política econômica de arrocho salarial e favorecimento aos banqueiros, do seu desvario em relação à Covid-19 e à total subserviência ao bilionário ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Eis os fatos: de um total de 59 candidatos que o fascista apoiou publicamente em suas “lives” realizadas no Palácio do Planalto, num claro ato de uso de recursos públicos na eleição, apenas quatro foram eleitos. Em São Paulo, seu candidato Celso Russomanno (Republicanos) ficou em quarto lugar com 10,5% dos votos. No Rio de Janeiro, Crivella (Republicanos), perdeu de lavada e não conseguiu se reeleger. Carlos Bolsonaro (Republicanos), filho 02 e chefe do gabinete do ódio, mesmo tendo feito uma campanha milionária, encolheu sua votação em 35 mil votos e viu Tarcísio Motta (PSOL), um dos líderes do movimento *Quem mandou matar Marielle?*, ser o vereador mais votado do Rio de Janeiro, com 86.243 votos.

Sua ex-mulher, Rogéria Bolsonaro, arrumou somente 2.000 votos, menos que a militante da UJR, Giovanna Almeida (UP), que obteve 2.488 votos. Em Belo Horizonte, Bruno Engler (PRTB) perdeu feio e não foi nem para o segundo turno. Em Recife, sua candidata, Delegada Patrícia (Podemos), após ir a Brasília e participar de uma “live” com o ex-capitão, caiu para o quarto lugar... Em Fortaleza, o Capitão Wagner, após ser apresentado como o candidato de Bolsonaro, foi perdendo apoio da população e fracassou no segundo turno.

Apesar de tantas evidências, os fascistas e corruptos que estão no Governo tentam negar a estrondosa derrota do governo espalhando mentiras (fake news) de que houve fraude na eleição. Por sua vez, os grandes meios de comunicação da burguesia e seus comentaristas pagos para fazer análises de acordo com os interesses da classe dominante exaltam a conquista de prefeituras pelos partidos da direita conservadora, a quem chamam de centro, ignorando os milhões de reais que estes partidos gastaram nas eleições.

Além da surra de votos que os candidatos fascistas levaram nas urnas, as eleições municipais mostraram um importante crescimento do voto na esquerda.

Em São Paulo, a chapa Boulos-Erundina, do PSOL, derrotou o candidato de Bolsonaro no primeiro turno e alcançou 40,6% dos votos. Em Belém, Edmilson Rodrigues (PSOL) foi eleito prefeito. Em Belo Horizonte, a chapa Áurea Carolina (PSOL) e Leonardo Pérciles (UP) foi a mais votada entre as candidaturas da esquerda na capital mineira.

Registre-se também o au-

mento das contradições do PCdoB. Em Recife, o PCdoB fez aliança com o candidato João Campos (PSB), mas seu deputado estadual João Paulo apoiou Marília Arraes (PT). Em São Luís (MA), o governador Flávio Dino (PCdoB) fez campanha para Duarte Júnior, do “Republicanos”, partido de Crivella e Russomanno.

O PT continuou diminuindo o número de prefeituras. Em 2012, elegeu 630 prefeitos; em 2016, 256; em 2020, 183; mas foi ao segundo turno em duas capitais Recife (PE) e Vitória (ES) e conquistou as prefeituras de Contagem e Juiz de Fora (MG), Diadema e Mauá (SP).

A UP e a agitação revolucionária



Fernanda Lopes

Depois de uma vibrante e incansável campanha, que durou dois anos e conquistou 1 milhão e 200 mil assinaturas para sua legalização, a Unidade Popular (UP) disputou suas primeiras eleições. A legalização da UP não foi uma vitória pequena, visto que até hoje Bolsonaro e seus seguidores, mesmo com o apoio das Forças Armadas, de ricos capitalistas e dos donos dos cartórios, não conseguiram legalizar o partido Aliança pelo Brasil, embora esteja há dois anos no governo.

Nesta primeira participação, a UP lançou 15 candidaturas a prefeito(a) e 99 a vereador(a). Entre os partidos sem tempo de TV e rádio, a UP alcançou um total de votos para prefeito de 16.960 e 32.056 para vereadores; ficou, portanto, na frente do PCO (4.546) e do PCB (2.416). O PSTU teve para prefeito 33.053 e para vereador 20.343.

Leve-se em conta que esses partidos estão legalizados há mais de três décadas e que a UP é um partido de trabalhadores e trabalhadoras, muitos desempregados, não teve propaganda na TV e rádio, não recebe fundo partidário e recebeu uma migalha de fundo eleitoral.

Mas o maior obstáculo para a UP nessas eleições foram, sem dúvida, as limitações impostas pela pandemia da Covid-19, que já matou mais de 175 mil brasileiros. Com efeito, a pandemia impôs diversas restrições a nossa agitação e propaganda: o isolamento social, as medidas para evitar aglomeração e o contato com as pessoas, em particu-

lar, do grupo de risco, dificuldade para dialogar com as famílias nas suas casas e a suspensão das aulas nas universidades e escolas, diminuíram em muito a agitação política, principal trabalho dos comunistas para conseguir os votos, e favoreceu os candidatos dos partidos da classe rica. De fato, nenhum partido foi tão afetado pelas restrições da pandemia quanto a Unidade Popular.

Também não devemos desprezar o fato de que a imensa maioria dos partidos que conquistaram prefeituras, além da propaganda na TV e rádio, entrando diariamente nas casas, gastaram milhões de reais do fundo partidário e eleitoral, além de rios de dinheiro doados pela burguesia, como provam as inúmeras propagandas pagas no YouTube, Instagram e WhatsApp.

Vejam: levantamento feito pelo G1, com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), revelou que entre os mais de 5,4 mil prefeitos eleitos no primeiro turno nas eleições municipais, 1.158 são milionários. Assim, um em cada cinco eleitos para as prefeituras têm patrimônio declarado igual ou superior a R\$ 1 milhão. 35 prefeitos eleitos têm mais de R\$ 20 milhões declarados; 81 eleitos mais de R\$ 10 milhões declarados, e sete mais de R\$ 100 milhões ([https:// gl.globo.com](https://gl.globo.com)). Esta é a verdadeira fraude nas eleições numa democracia burguesa.

Defesa da revolução e do socialismo

Por outro lado, não é demais lembrar a definição do *III Congresso da Internacional Comunista sobre as eleições*: “a campanha eleitoral deve ser conduzida não no sentido de obter a maior quantidade possível de representações parlamentares, mas sim de mobilização das massas em torno das palavras de ordem da revolução proletária”.

Em outras palavras, nosso principal objetivo nas eleições é elevar a consciência e a organização das massas, é trabalhar para vencer as ilusões na democracia burguesa e para propagar que somente com uma revolução que ponha fim ao capitalismo é possível acabar com o desemprego e a fome, o racismo, o feminicídio e a exploração.

Ter no Brasil um partido legal que faça essa agitação entre as massas, denuncie o caráter fascista do governo e seus crimes, em vez de propagar ilusões ou realizar alianças que fortalecem o domínio da classe dominante, já é uma grande vitória. Com efeito, como disse Lênin, não basta ter uma tática que utilize corretamente as eleições, é preciso aplicar uma política para elevar e não rebaixar o nível geral de consciência e a capacidade de luta das massas. (*Esquerdisimo, doença infantil do comunismo*)

Por isso, é indispensável saudar todos os camaradas que, vencendo as adversidades da pandemia, a falta de recursos,

muitos sequer sem carros para se deslocarem e com pouquíssimo material de campanha, foram às ruas de máscara e álcool em gel levar o programa revolucionário da UP, derrotar o vírus do fascismo, desmascarar a “municipalização” e fazer agitação da necessidade de uma revolução popular, além de centenas brigadas do jornal *A Verdade*.

Em Belém do Pará, por exemplo, durante a campanha eleitoral os militantes da UP venderam 850 jornais. Desta maneira, sem abrir mão de nossos princípios, conquistaram honradamente milhares de votos que são uma verdadeira declaração em favor do poder popular e do comunismo. É claro que os falsos socialistas, que há muito desistiram de lutar por uma revolução, tudo farão para menosprezar nosso trabalho; afinal, adorariam nos levar ao pântano em que se encontram.

Dito de outro modo, o trabalho da UP não é e nem pode ser avaliado da mesma maneira que os partidos socialdemocratas de esquerda que se tornaram escravos do eleitoralismo burguês, e que veem na eleição a solução de todos os problemas da sociedade. Muito pelo contrário. Quem luta por uma verdadeira transformação da sociedade tem que utilizar todos os meios legais para levantar a bandeira da revolução e deixar claro que a verdadeira causa da pobreza é um sistema econômico que enriquece uma minoria à custa da exploração dos trabalhadores.

Ademais, a experiência recente da socialdemocracia fazendo todo tipo de alianças com a grande burguesia nacional para chegar ao governo e, em troca, mantendo os privilégios da classe rica, além de burocratizar estes partidos, os fez perder a confiança das massas, dos oprimidos e explorados. Ora, perder a confiança das massas em troca de um lugarzinho no parlamento, além de uma traição, é um erro que não só impede um partido de crescer, como o impossibilita de ser vanguarda da revolução. Em resumo, conquistamos votos livres e conscientes fruto de um trabalho honrado numa guerra do tostão contra o milhão.

Melhorar o trabalho com as massas

Nada disso, entretanto, diminui a necessidade de aprofundarmos a autocritica no sentido de melhorar e avançar o trabalho com as massas populares, em particular, com os trabalhadores. De fato, embora o número de votos tenha sido bastante afetado com o fechamento de escolas e universidades e as restrições da pandemia, eles revelam que não podemos nos conformar com o número de sindicatos, de associações de moradores e de coletivos que temos nas empresas, bairros e favelas. É preciso, pois, mais trabalho e determinação para superar esse atraso e impulsionar mais e mais

lutas, recrutar mais, além de otimizar nossos poucos recursos, concentrando forças e evitando a dispersão.

O mais importante, entretanto, é saber que o próximo período será de avanço das lutas operárias e populares e de superação da confusão política e ideológica dos últimos anos. A cada dia, mais e mais parcelas da população tomam consciência da incapacidade do governo do ex-capitão e dos generais fascistas em resolver os problemas do país e que se trata de um governo corrupto e contra os trabalhadores e os pobres.

O desemprego cresce e milhões de brasileiros e brasileiras ficam sem salário e impossibilitados de comprar alimentos para seus filhos ou pagar aluguel. Hoje, a taxa de desemprego está em 14,6% e pode chegar a 20% em janeiro, com as demissões que ocorrerão em dezembro. O país terá, assim, cerca de 30 milhões de brasileiros buscando uma vaga no mercado de trabalho no início de 2021. A fome cresce em todas as cidades e a inflação e a disparada dos preços reduzem os salários.

Números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que mais de 13,7 milhões de pessoas vivem abaixo da linha da extrema pobreza, isto é, sobrevivem com R\$ 151 por mês e 52 milhões de pessoas vivem abaixo da linha de pobreza, isto é, com R\$ 436 por mês. Este é o resultado de um regime que beneficia uma minoria de bilionários. Fome, desemprego, morte, destruição do SUS e da educação pública, despejo de milhares de famílias, destruição das florestas, racismo, estupros e violência contra a mulher, é o que têm a oferecer ao povo brasileiro a burguesia e o ultrapassado sistema capitalista.

Mais: os governos recolhem bilhões de impostos pagos pelo povo, mas destinam praticamente todo esse dinheiro para pagar juros aos banqueiros e deixam os pobres e seus filhos desamparados. Por tudo isso, os explorados e oprimidos estão se levantando contra esse sistema e esse governo. A repressão, como sempre, será o meio usado pela grande burguesia para manter seus privilégios e impedir que os trabalhadores e o povo lutem e conquistem seus direitos. Mas não é possível deter a força de um povo organizado. A UP é um partido que acredita na união e na organização das massas trabalhadoras, no avanço de sua consciência; deve, portanto, continuar trabalhando por uma saída revolucionária para a grave crise econômica, política, ambiental que vive o capitalismo no Brasil e no mundo.

Um 2021 de organização, lutas e vitórias!

Lula Falcão é membro do Comitê Central do PCR e diretor de redação de A Verdade

“A omissão do Governo Federal e do Ministério da Saúde é criminosa”

A Verdade – Oficialmente, já morreram mais de 170 mil pessoas no país. Você considera que os governos agiram e estão agindo para conter a pandemia?

Dr. Tiago Gurgel – Chegamos a mais de 6,2 milhões de casos confirmados e mais de 170 mil óbitos. Isso é o resultado da política que foi implementada de uma reabertura forçada e acelerada com o calendário eleitoral. O governo divulgou que gastou mais de R\$ 520 bilhões com a pandemia, pouco mais de R\$ 50 bilhões foi para o Ministério da Saúde. Apesar desses enormes montantes executados, existe uma enorme confusão e desorganização no combate. Não houve uma ação coordenada por parte da União, Estados e Municípios. Precisamos nos questionar se esse enorme gasto realizado com essa quantidade de mortes foi algo eficiente. Não dá para aceitar isso de forma simples, ainda mais que os valores diretamente gastos com saúde representem muito pouco do total. Outra desordem foi que todos os estados desativaram a maior parte dos leitos de tratamento da Covid-19, acreditando que a chamada “imunidade” da população chegaria e não se precisaria mais desses equipamentos. Dados do Conselho Federal de Medicina mostram a falta de leitos do SUS perto de 18 mil, mas uma enorme quantidade foi desativado. Não foi pensada uma política permanente de manutenção desses leitos, mesmo o SUS necessitando deles. A política adotada pelos governos, principalmente do Governo Federal, é criminosa.

O Governo Federal diz que não tem interesse de comprar algumas das vacinas que estão sendo testadas e muitas pessoas questionam a eficácia delas. Como avalia a postura do presidente nesse movimento antivacina?

Eu queria começar ressaltando a importância das vacinações de maneira geral. Por ano, as vacinas salvam cerca de três milhões de vidas aqui no Brasil. Para termos uma ideia do que isso representa, a estimativa é que, por exemplo, de 2015 a 2020, 20 milhões de pessoas não adquiriram o sarampo por conta do programa nacional de imunização. A varíola, erradicada em 1977, durou cerca de um século de existência e foi uma doença que levou à morte 300 milhões de pessoas. Essa é a magnitude da importância das vacinas. Alguns fazem o movimento antivacina, com teorias conspiratórias, mas is-

so é tolice. Uns por má-fé, outros por ignorância, não levam em conta realmente o poder que a vacina tem, a quantidade de vidas salvas. As vacinas para serem aprovadas cumprem rigorosos protocolos de estudo. Na verdade, o Governo Federal quer dar preferência às multinacionais norte-americanas para as vacinas, em virtude do seu alinhamento político. Portanto, vai falar mal das outras, principalmente se for de origem chinesa ou russa para fazer esse jogo ideológico burro da extrema-direita. O que gera muita preocupação é o apoio do governo e seus fascistoides às mentiras que questionam a eficácia das vacinas de uma forma geral. O presidente está muito mais preocupado com interesses de determinados grupos econômicos, do que propriamente em defender a vida da população.

Quais novas características já se conseguiu aprender desse novo coronavírus e quais tratamentos estão mais adequados?

Tudo ainda é muito novo, tudo está sendo estudado, estão sendo observadas as mutações, contágio, quadros graves, etc. Sobre o contágio, por exemplo, existem relatos de vários animais que podem servir como vetor de contaminação para humanos. Temos que seguir acompanhando com muita cautela. Sobre tratamentos, ainda não existe um tratamento definitivo. Foram tentadas várias drogas com perspectiva de ação antiviral, mas sem sucesso. O que sabemos é que, quando há necessidade, algumas medicações fazem diferença, como corticoides, como anticoagulantes por conta de eventos trombóticos, causados pela inflamação da Covid. Mas não existe um tratamento direcionado, como, por exemplo, se eu tenho uma pneumonia, eu tomo antibiótico. outro tratamento, até em caráter experimental e de exceção, é a utilização do chamado plasma convalescente, ou seja, a gente usa anticorpos de pessoas que já tiveram a doença pra tratar os casos mais graves. Então, realmente, a melhor perspectiva que nós temos são os cuidados gerais do distanciamento, da etiqueta respiratória, de evitar as aglomerações, ou seja, evitar a exposição. O melhor cuidado é a prevenção. Por outro lado, também se aprendeu muito sobre o suporte de oxigenação, que, no começo existiam várias dúvidas de como fazer, e pressionaram bastante a rede de saúde pela neces-

sidade de leitos de UTI. Já se tem outras tecnologias, outras formas de tratamento que têm evitado a internação na UTI com a ventilação mecânica. Até que a vacinação gere imunização, evitando o contágio, a prevenção é a saída.

Estamos numa nova onda da pandemia?

A segunda onda é uma realidade. Inclusive, quando a gente olha em números, os vários gráficos dos países mostram que a primeira onda parece uma marolinha frente o que está sendo a segunda onda. Um aumento muito grande em países como França, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, enfim, os países que passaram pela situação de pandemia um pouco antes do Brasil. O Brasil, como ele é um país continental e tem várias peculiaridades, tem locais que já tiveram a primeira onda, diminuiu e voltou a aumentar, tem outros locais que ainda estão tendo a primeira onda e agora que estão diminuindo. Então, assim, a gente pode falar de segunda onda no Brasil porque os locais que já tiveram, voltaram a aumentar, como os exemplos de São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Pernambuco, Bahia, aqui mesmo no Ceará. Infelizmente, como coincidiu com o período eleitoral, houve um silenciamento das autoridades e um silenciamento dos órgãos judiciais, da imprensa. Fora a enorme pressão da classe empresarial que queria a todo custo a reabertura, mesmo sabendo dos riscos. Os dados demonstram que as pessoas mais vitimadas dependiam do transporte público, tinham que ir trabalhar e foram levadas pela reabertura. A omissão do Governo Federal e do Ministério da Saúde é criminosa. Não atua, não coordena, não propõe, apenas executa a vontade do presidente, que foi de ter a reabertura econômica a qualquer custo.

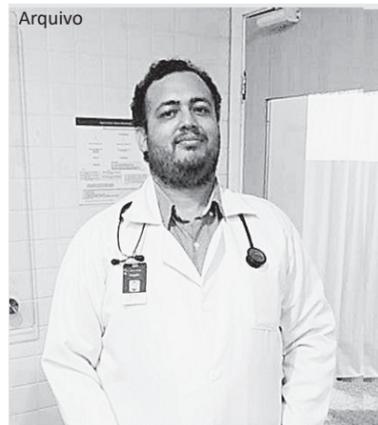
A pandemia revelou uma face terrível da desigualdade social, então?

Sem dúvidas. Os ricos ficaram mais ricos nesta pandemia e quem mais sofreu foram os pobres, os assalariados, os informais e os pequenos empresários. Uma demonstração muito clara de que, apesar das mortes e doentes, de todo apelo que se fez, do desastre na economia, os mais ricos, os mais abastados, tiveram aumento na sua fortuna. E isso não é achismo, não é palpite, são levantamentos. Tem um levantamento da Oxfam demonstrando exatamente o ga-

nho desses bilionários no Brasil, na América Latina e no mundo afora. Pouco importam as perdas das vidas humanas, o importante é manter a estrutura política e os ganhos da classe rica a qualquer custo. De sorte que não dá pra esperar da parte dessas pessoas os devidos investimentos, aumentando a estrutura e melhorando a saúde pública. Então, o que cabe realmente é a organização dos movimentos populares, do movimento sindical, pra exigir que o Governo tome as medidas necessárias. As conquistas são o resultado da pressão popular, exigindo medidas pra manutenção das vidas. O lucro não pode estar acima da vida. Um exemplo foi Fortaleza: aqui, na primeira fase, existiam dois gráficos, o gráfico dos casos e o gráfico das mortes. Apesar dos casos, no começo, estavam mais concentrados nas áreas nobres, as mortes se concentravam na periferia. Por quê? As pessoas das periferias ao saírem para trabalhar nas áreas nobres se contaminaram. Como nossa estrutura social é muito precária, as condições das pessoas mais pobres são terríveis, acabaram se expondo e levando a doença pra dentro da família. Se não houver ações reais para proteger a vida das pessoas, a classe trabalhadora, a classe sofrida do nosso país será dizimada.

O isolamento social foi atacado bastante pelo Governo Federal. Ainda temos muitas pessoas morrendo. Quais os impactos que teremos se diminuirmos as medidas de distanciamento?

Na primeira entrevista, há pouco mais de seis meses, eu afirmei que as ações bem sucedidas se baseavam em rastreamento e contenção. Isso fez com que os casos realmente fossem muito menores onde foi aplicado. Fora o rastreamento e a contenção, você também tem que ter a colaboração da população. Quando analisamos os dados e comparamos o que foi a primeira com a segunda onda nos países que já sofreram muito, parece que não aprenderam nada. Não têm sido respeitadas as medidas de proteção, as medidas de distanciamento, a etiqueta respiratória, os assintomáticos usarem máscara. Ora, isso é culpa somente da população? Não. Porque é preciso manter permanente campanha de conscientização. Mas não somente isso. Uma máscara cirúrgica, que custava poucos centavos, hoje custa alguns reais, em média três reais, houve um au-



Dr. Thiago Gurgel

Diante da segunda nova onda do novo coronavírus, o jornal A Verdade entrevistou novamente o médico patologista Tiago Magalhães Gurgel. Ele é chefe de equipe da Emergência no principal hospital privado de Fortaleza, Ceará. Tiago é diretor do Sindicato dos Médicos do Ceará e membro da Unidade Popular. Sete meses após nossa primeira conversa, ele fala sobre a triste realidade da Covid-19 no Brasil, denuncia a política criminosa do governo com a saúde do povo brasileiro e adverte que até que a vacinação gere imunização, a prevenção é a saída.

Serley Leal, Fortaleza

mento de 10 a 30 vezes o valor de base deste insumo básico. O Governo deixou a lei do livre mercado imperar, não houve ampla aquisição ou ampla distribuição pra população. Os governos deveriam garantir as máscaras para as pessoas, principalmente dos setores essenciais. Deveriam aumentar a oferta do transporte, e não diminuir como de fato ocorreu. Além de ser adequadamente higienizado, ventilado. Os governos, particularmente o Governo Federal, decidiram manter a máquina da economia rodando e quem tiver que morrer “paciência”, “não sou coqueiro”. São governos ineficientes, incapazes, sem coordenação, deu no que deu: um verdadeiro desastre. Eu digo pra pessoa que não tem emprego, que não tem renda, que ela fique em casa, ela vai viver de quê? Ela vive num casebre, aglomerada, vive numa condição precária. E eu vou dizer que pra essa pessoa sobreviver, como? É necessário manter sim distanciamento, mas o governo deveria ajudar, o que não está ocorrendo, para controlar o fluxo de pessoas. O distanciamento garante uma menor propagação. O governo foi na direção oposta: parece que estimula os mais velhos morrerem. Você deixa tudo funcionando normal como se fosse a seleção natural, onde os mais resistentes é que vão sobreviver. Essa lógica é genocida. Os relatos que temos é que quando o idoso adoeceu, tendo mais de setenta anos e já fosse um idoso doente, o hospital já ia fazer cuidados de fim de vida, cuidados de conforto, aplicação de morfina e coisas do tipo. É uma forma de eutanásia, muitas pessoas foram sentenciadas e não salvas. É triste, mas está sendo real.

A UP vai avançar muito mais nos próximos anos

Nestas eleições, a Unidade Popular (UP) enfrentou uma legislação antidemocrática, com a cláusula de barreira, que impediu que o partido tivesse tempo de rádio e TV e acesso ao Fundo Partidário. Dessa forma, o tempo destinado aos partidos maiores e mais ricos favoreceu a que estes mantivesse, em termos gerais, a hegemonia nas prefeituras e câmaras municipais.

Em Minas Gerais, a campanha da UP se realizou com candidaturas próprias em três cidades: Itabirito, Nova Lima e Belo Horizonte. Em Itabirito, lançamos Sara Boratti como candidata a prefeita e Thomas Toledo como vice. Para vereador e vereadora, a UP lançou as candidaturas de Bella Mayrink, Felipe Martins, Kiko da Vila Alegre, Karlo da Rádio e Tais Correia.

A companheira Sara destacou a importância da participação da UP nas eleições afirmando que historicamente a cidade é marcada pelo conservadorismo e pela conformação de apenas dois grupos políticos que dominam e controlam as leis da cidade. “As eleições em Itabirito foram um grande desafio. Primeiro pela situação da pandemia e segundo porque a Unidade Popular é um partido novo, com 11 meses apenas, e trouxe candidaturas populares, coletivas e combativas. Assim, apresentar uma chapa declaradamente antifascista, anticapitalista e socialista foi um ato revolucionário para a conjuntura municipal. Diferente das campanhas milionárias da direita, nosso trabalho foi marcado pe-

la coletividade, disposição e coragem dos militantes de se colocarem nas ruas e ampliar o diálogo com um povo esquecido e explorado”, afirmou.

Em Nova Lima, houve uma aliança da UP com o PSOL para a Prefeitura. A UP lançou como candidato a prefeito o trabalhador eletricista Jobert Jobão e o PSOL indicou a professora Roberta Zanoni como vice. Para vereador e vereadora, a UP lançou as candidaturas do ambulante Anderson DVD; do trabalhador informal Guru; do policial rodoviário Edu Leite; da mãe e mulher negra Danda; da trabalhadora Eva Nunes e de Dona Lígia. A chapa obteve 1,45% dos votos válidos no município.

Para Anderson, “o mais importante da campanha foi a forma carinhosa com que fomos recebidos na cidade, com o medo do candidato atual vencer. A experiência mostrou que é possível fazer uma campanha honesta, uma campanha em que mostramos para a cidade o que é fazer campanha de verdade, criticando, apresentando propostas. O importante agora é dar continuidade. O objetivo da UP na cidade é construir um governo popular, dar voz e vez para os que não têm. Mesmo sem termos sido eleitos, continuaremos esse trabalho”.

Em Belo Horizonte, para a disputar a Prefeitura a UP participou da Frente de Esquerda BH em Movimento, aliança da UP, PCB e PSOL. A disputa para a Prefeitura foi encabeçada pela deputada federal Áurea Carolina (PSOL),



Militantes da UP fazem campanha na periferia de BH

tendo Leonardo Péricles, presidente Nacional da UP, como vice. A chapa obteve 103.115 votos, ficando na quarta colocação, com 8,33% dos votos válidos. Para vereador, a UP lançou oito candidaturas. Poliana Souza, líder do MLB e candidata a vereadora, considerou que “foi uma vitória, com os recursos limitados que tivemos, com o partido mais novo do Brasil, conseguirmos a quantidade de votos que tivemos, vindos principalmente das periferias. Enfrentamos a direita, os candidatos do fascismo, dos ricos, e tivemos maior votação que a maioria deles. O poder do povo ainda vai vencer o poder do capital, do dinheiro!”, concluiu.

Preparar novas lutas

Todos os companheiros e companheiras avaliaram que as eleições serviram para projetar novas lideranças, resgatar o trabalho de base de casa em casa, rua a rua, priorizando as periferias e tendo boa receptividade do povo. Embora as eleições tenham sido mar-

cadadas por um contexto de muitas restrições, essas novas lideranças têm muito futuro e ganharam respeito junto ao povo. Outro fator foi a pandemia do novo coronavírus, que trouxe diversas dificuldades e cuidados para que a campanha pudesse se desenvolver e tornaram mais difícil para as campanhas populares fazerem seu trabalho de forma integral, como passagem de casa em casa, panfletagens e reuniões.

Para consolidar o crescimento da UP é necessário garantir que o jogo não se dê apenas no campo das eleições. É necessário que as lutas e mobilizações sociais e populares aumentem. Para isso, as propostas levantadas nas campanhas precisam se tornar verdadeiras bandeiras de luta e as lideranças que se candidataram devem levantar essas bandeiras e organizar lutas concretas junto ao povo para conquistar vitórias.

Esse processo é fundamental para deixar claro que a UP não aparece na época de eleições e depois some. Para

fazer frente ao poder econômico que impera nas eleições, precisamos ter poder popular, poder de mobilização, influência junto às principais lideranças, estarmos presentes nas associações de bairros, nos sindicatos, nas coordenações das ocupações, nos grupos culturais, nos grupos de mulheres e no conjunto dos movimentos populares existentes. Isso exige um trabalho mais amplo, com grande propaganda do partido com a impressão de milhares de panfletos, jornais, agitação permanente nos bairros e regiões com uso de megafones, caixas e carros de som, etc.

Deste modo, a coragem e a disposição da militância da UP foram grandes diferenciais no processo eleitoral. A crise econômica continua e nenhuma medida concreta vem sendo tomada para resolver esse problema que, com o fim do auxílio emergencial, tende a se agravar. Com isso, a fome, o desemprego, a radicalização das contradições do capitalismo e a tendência à violência, militarização, fascistização e à guerra são potencializados.

Seguir crescendo o partido em MG e no Brasil, atuando em todos os campos sociais, levando o nosso programa à maioria da população, apontando para uma mobilização além da ordem capitalista, que faça a propaganda do socialismo em ligação com as lutas locais e econômicas. Podemos avançar e muito nos próximos anos.

Leonardo Péricles
e Redação MG

Estado prende milhares por falta de emprego

Jorge Ferreira, SP

Durante estágio na Defensoria Pública de São Paulo, me deparei com a história de João Pedro, preso por tentar furtar uma peça de carne no valor de R\$ 62. Depois de não conseguir pagar o valor de R\$ 350 de fiança para ser solto, a juíza decidiu que ele deveria ficar preso aguardando o julgamento definitivo. A juíza justificou sua decisão com o fato de ele não ter comprovado que trabalhava formalmente, e que aguardar o julgamento em liberdade poderia fazê-lo voltar a tentar furtar.

Conheci também a história de Carlos Eduardo, cidadão paraguaio e morador de rua da capital paulista. Foi preso acusado de tentar furtar um aparelho celular. Apesar de estar numa situação de extrema vulnerabilidade, foi exatamente a falta de moradia que foi utilizada como critério pela juíza para decidir mantê-lo preso antes mesmo do julgamento, afirmando que, pelo fato de ele morar na rua, não seria possível localizá-lo durante o processo. João Pedro e Carlos Eduardo se somaram aos mais de 250 mil brasileiros que estão presos provisoriamente, isso quer dizer, sem terem sido condenados.

De vez em quando, a gente vê ganhar certa repercussão o caso de alguém que foi preso

por furtar comida ou alguma mercadoria de valor insignificante. Os noticiários, quando mencionam esses absurdos, tentam passar a ideia de que se trata de algo atípico. No entanto, recente pesquisa do Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), denominada “Audiência de Custódia, Panorama Nacional”, escancara que a ausência de residência fixa, e ocupação formal é critério invocado para justificar a decretação de prisão provisória em mais de 60% dos casos analisados, o que por si só é motivo de espanto ao levarmos em conta a gravidade que é tirar a liberdade de alguém justamente pela falta de outros direitos constitucionais.

No entanto, o cenário causa ainda mais perplexidade quando levamos em conta que o defensor tem contato com o preso apenas poucos minutos antes da audiência de custódia, e que, portanto, dificilmente será possível juntar documentos que comprovem residência fixa e trabalho remunerado a tempo.

Audiência de custódia é o momento em que quem é preso tem o primeiro contato com um juiz. Esse tipo de audiência foi adotado no Brasil em 2015 com o objetivo de diminuir o número de presos provisórios. Afinal, a Constituição diz que, “salvo

exceções, todo cidadão só poderá ser preso depois de condenado definitivamente”. No entanto, a maioria das pessoas que passam pela audiência de custódia acabam ficando presas.

A pesquisa realizada pelo IDDD demonstrou também que outro argumento utilizado em larga escala nessas audiências é a “manutenção da ordem social”. Em 76,2% das decisões nas quais é decretada a prisão provisória, os juízes mencionam a ordem social ou ordem pública como critério para manter trabalhadores presos.

A essa altura você pode estar se perguntando: “mas, e as pessoas que cometem crimes violentos?”. Sim, as prisões provisórias deveriam ser usadas justamente para esse tipo de crime. Mas os números do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) mostram que a maioria da população carcerária, entre sentenciados e provisórios, é formada por jovens negros e pobres cujos crimes, na maior parte dos casos, são patrimoniais (pequenos furtos) ou ligados ao tráfico de drogas e cometidos sem violência.

Isso quer dizer que, apesar de ser o principal argumento utilizado pelos juízes, não faz nenhum sentido justificar com “a

manutenção da ordem social” a prisão de pessoas que não cometeram crimes violentos. A verdade é que esse critério está previsto na legislação brasileira e não é de hoje. Desde a ditadura fascista de Getúlio Vargas, ou mesmo na ditadura militar de 1964, a “manutenção da ordem” foi utilizada para criminalizar quem o Estado via como inimigo.

Nos resta saber quem, em pleno século 21, não tem moradia, emprego ou simplesmente é considerado perigoso para o Estado. A verdade é que milhões de trabalhadores brasileiros se encontram nessas condições, evidentemente que o processo de escravidão e a própria marginalização do negro no sistema capitalista, inclusive através do sistema criminal, resultou no fato de a maioria dos trabalhadores nessas condições serem negros. Isso quer dizer que os critérios utilizados para a decretação das prisões provisórias permitem que trabalhadores negros sejam presos sistematicamente.

Entre presos provisórios e presos que estão cumprindo sentença, o Brasil tem mais de 800 mil pessoas atrás das grades, alcançando o terceiro lugar no ranking dos países que mais prendem no mundo. Apesar de

os noticiários denunciarem a “crise do sistema penitenciário”, o Estado brasileiro prende cada vez mais pessoas, e o encarceramento cresce numa velocidade assustadoramente alta. Em outras palavras, enquanto os massacres que vêm à tona nos noticiários constatarem um verdadeiro necrotério de pessoas vivas, amontoadas umas nas outras em meio a celas lotadas, convivendo com ratos, baratas e todo tipo de doenças transmissíveis, a prisão segue sendo o investimento principal do Estado para a contenção daqueles que considera mão de obra descartável, indesejável e perigosa.

A verdade é que o sistema criminal é central na manutenção da ordem social do capitalismo. Uma ordem social que marginaliza e mata trabalhadores negros, exercendo uma tarefa de dominação através da força, mas também ideológica, na medida em que coloca na cabeça das pessoas que o negro, por ser a maioria dos presos, é naturalmente criminoso e, portanto, perigoso.

A ordem do dia para superar o encarceramento em massa do povo negro é a destruição dessa estrutura e a construção de um sistema de justiça que sirva para garantir a vida do povo.

UFPB luta por autonomia, contra interventor

A comunidade universitária da UFPB acordou no dia 5 de novembro com a notícia de que o presidente Jair Bolsonaro tinha nomeado um interventor para a Reitoria da Universidade. E justamente o candidato que ficou em último lugar na consulta eleitoral do dia 26 de agosto, com apenas 5% dos votos, o professor Valdíney Veloso.

Após semanas no aguardo da nomeação da chapa vencedora, formada pelas professoras Terezinha Domiciano (reitora) e Mônica Nóbrega (vice-reitora), eleitas com mais de 9 mil votos, o fascista que ocupa a Presidência da República nomeou um candidato sem votos na comunidade acadêmica e nos Conselhos Superiores da UFPB, responsáveis por formular a lista triplíce a ser encaminhada ao MEC.

A reação da UFPB à intervenção foi imediata! No mesmo dia, centenas de pessoas se encontraram na Reitoria da UFPB e saíram em marcha pelas ruas da universidade, paralisando o trânsito em frente ao campus universitário. Após o ato, um grupo de estudantes se acorrentou na rampa da Reitoria e construiu uma ocupação. De lá para cá, a repercussão do processo de resistência tem si-



Abraão Lima

do grande na Paraíba e mesmo em nível nacional, com ações praticamente diárias (passeatas, atos públicos, vigílias e aulas virtuais, assembleias etc.).

Mas o caso da UFPB não é um caso isolado. Até o momento, já são 18 universidades, institutos federais e I Cefet nesta situação (veja lista abaixo). Pensando nisso, o Comitê de Mobilização pela Autonomia e contra a Intervenção na UFPB, que tem coordenado o processo de resistência, criou uma comissão para articulação da resistência nacional contra as intervenções do Governo Bolsonaro.

No dia 25 de novembro, a comissão realizou uma vigília nacional virtual transmitida pela plataforma YouTube, que contou com a presença de várias entidades nacionais representativas dos segmentos que compõem a comunidade uni-

versitária das instituições federais de ensino superior, a exemplo do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), da Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil (Fasubra), do Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica (Sinasefe), da União Nacional dos Estudantes (Une) e da Federação Nacional dos Estudantes em Ensino Técnico (Fenet); dos reitores eleitos das instituições que sofreram intervenção; de ex-ministros da Educação; e de vários artistas locais, que prestaram solidariedade contra a intervenção na UFPB.

No mesmo dia 25 de novembro, a diretoria do Andes se reuniu com representantes das seções sindicais cujas ins-

tuições sofreram intervenção. Os diversos relatos apontaram que, embora em cada instituição o processo de intervenção por parte do Governo Federal tenha características próprias, essa prática vem se configurando como uma estratégia política sistemática. O ataque à autonomia e à democracia nas instituições tem impacto administrativo, na vida acadêmica e nas relações internas.

A expectativa é de que se possa construir um comitê nacional contra as intervenções, que articule as lutas que têm acontecido em cada instituição de modo que se acumule força suficiente para pressionar o STF a julgar as ações que se encontram em tramitação no órgão e possam ser empossados os reitores eleitos.

Clodoaldo de Oliveira,
diretor do Sintespb

Instituições sob intervenção no Brasil:

Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB)
Universidade Federal do Semi-Árido (Ufersa)
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Universid. Fed. dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
Universidade Federal Sergipe (UFS)
Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)
Centro Fed. de Educ. Tecnológica do Rio de Janeiro (Cefet-RJ)

UJR realiza encontro estadual na Bahia

Nos dias 28 e 29 de novembro, aconteceu, em Salvador, o Encontro Estadual da União da Juventude Rebelião (UJR), reunindo jovens da capital e do interior. Respeitando as medidas recomendadas de distanciamento social, uso de máscaras e utilização de álcool em gel devido à pandemia da Covid-19, o encontro começou em clima de muita combatividade e animação, entoando o hino da classe trabalhadora *A Internacional*.

Após eleger a mesa e aprovadas as pautas do encontro, Eslane Paixão, representando a Unidade Popular (UP), contribuiu junto à representação do PCR na mesa, com diversos elementos importantes para um profundo debate sobre conjuntura política. Após esse ponto importante do encontro, o dia prosseguiu com discussões sobre o trabalho de massas e a agitação e propaganda, onde a juventude pode refletir e aprofundar no debate sobre construir uma UJR como referência de luta e alternativa para a juventude brasileira, em especial, para a juventude baiana.

Encerrados os debates, o encontro prosseguiu com a programação cultural: o cine debate sobre o documentário "Manoel Lisboa – Herói da Resistência à ditadura", no qual os jovens que participaram puderam conversar sobre o importante exemplo de luta e heroísmo no combate à ditadura militar fascista que fo-

ram os heróis do PCR.

No segundo dia, os jovens retornaram aos debates com o estudo do texto "O que deve ser um jovem comunista" de Ernesto Che Guevara. Também foram destacados jovens para a manifestação dos trabalhadores informais que organizam a "Feira do Pau", no bairro do Largo do Tanque, onde enfrentam todo o domingo a repressão da Guarda Municipal e da Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop), ordenada por ACM Neto e seus secretários que não dão emprego ao povo, não garantem um local seguro e apropriado ao comércio, ainda mandam retirar as mercadorias e reprimir quem busca alternativa diante da crise.

Depois da chegada do destacamento que participou da luta dos trabalhadores, o plenário ficou mais entusiasmado em debater as formas de organização da juventude revolucionária baiana. De maneira aprofundada debateu-se sobre a autossustentação da organização, o funcionamento dos núcleos de base como principal alicerce da Juventude e a construção de uma UJR forte, que seja uma referência de alternativa na construção de uma nova sociedade socialista.

Ao término dos debates, na tarde de domingo do dia 29, foi eleita a nova Coordenação Estadual da UJR na Bahia.

Coordenação Estadual UJR (BA)

O que é mau e o que é útil na velha escola

Diz-se que a velha escola era uma escola livresca, uma escola de adestramento autoritário, uma escola de ensino memorizador. É verdade, mas tem que se saber distinguir, na velha escola, o que é mau do que é útil. Há que saber escolher o indispensável para o comunismo.

A velha escola era livresca, obrigada a armazenar uma quantidade de conhecimentos inúteis, supérfluos, mortos, que obstruíam o raciocínio e transformavam a geração jovem num exército de funcionários talhados todos pelo mesmo padrão. Mas concluir daí que se pode ser comunista sem haver assimilado o tesouro de conhecimentos acumulados pela humanidade, seria cometer um erro. Enganar-nos-íamos se pensássemos que basta saber os lemas comunistas, as conclusões da ciência comunista, sem ter assimilado a soma de conhecimentos que deram origem à teoria do comunismo.

O marxismo é um exemplo de como o comunismo se enraíza da soma de conhecimentos adquiridos pela humanidade.

Já terão lido e ouvido que a teoria comunista, a ciência comunista, criada principalmente por Marx, que esta doutrina do marxismo deixou de ser obra de um só socialista do século XIX realmente genial, para transformar-se na doutrina de milhões e dezenas de milhões de proletários do mundo inteiro, que se inspiram nessa teoria como base da sua luta contra o capitalismo. E se perguntarem porque é que a doutrina de Marx conquistou milhões e dezenas de milhões de adeptos na classe mais revolucionária, terão uma só resposta: é porque Marx se apoiava numa sólida base de conhecimentos humanos, adquiridos sob o capitalismo.

Ao estudar as leis do desenvolvimento da sociedade humana,

Marx compreendeu o caráter inevitável do desenvolvimento do capitalismo que conduz ao comunismo, e – o que é essencial – demonstrou-se baseando-se exclusivamente no estudo mais exato, mais detalhado e mais profundo dessa mesma sociedade capitalista, assimilando plenamente tudo o que a ciência alcançara até então.

Marx analisou tudo o que havia criado a sociedade humana, com espírito crítico, sem desprezar um só ponto. Analisou tudo o que havia criado o pensamento humano, submetendo-o a crítica, e comprovando-o na prática por intermédio do movimento operário; formulou a seguir conclusões que os homens que se encontravam encerrados nos limites estreitos da estrutura burguesa, ou encadeados pelos preconceitos burgueses, não podiam extrair.

Há que recordá-lo quando falamos, por exemplo, da cultura proletária. Se não nos apercebemos de que só se pode conceber essa cultura proletária conhecendo exatamente a cultura que a humanidade criou no decurso da sua evolução e que foi elaborando gradualmente, se não tivermos consciência desse fato, não poderemos esquecer esse problema.

A cultura proletária não surge de fonte desconhecida, não brota do cérebro dos que se chamam especialistas na matéria. Seria absurdo pensá-lo. A cultura proletária origina-se, forçosamente, a partir do desenvolvimento lógico do conjunto de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o jugo da sociedade capitalista, da sociedade dos latifundiários e dos burocratas.

Estes são caminhos e os atalhos que encaminham e continuam encaminhando em direção à cultura proletária, do mesmo modo que a economia política, trans-

formada por Marx, nos mostrou aonde haverá de chegar a sociedade humana, indicou-nos o rumo da luta de classes, do desabrochar da revolução proletária.

É frequente ouvirmos, tanto a representantes da juventude quanto a certos defensores dos novos métodos de ensino, atacar a velha escola, dizendo que somente fazia aprender de cor os textos e, então, a isto lhes respondemos que, apesar disso, é preciso tirar dessa velha escola tudo o que tinha de bom.

Não há que imitá-la sobrecarregando a memória dos jovens com um peso desmedido de conhecimentos (90% inúteis) e, aliás, alienados do seu contexto; mas daí não se infere, de modo algum, que possamos contentar-nos com conclusões comunistas e limitar-nos a aprender de memória os lemas respectivos. Deste modo não chegaríamos jamais ao comunismo. Para se chegar a ser comunista, tem que se enriquecer a memória com os conhecimentos de todas as riquezas criadas pela humanidade.

Não queremos um ensino mecânico, mas necessitamos desenvolver e aperfeiçoar a memória de cada estudante dando-lhe fatos essenciais, pois de outra forma o comunismo seria uma extravagância e ficaria reduzido a uma fachada vazia; o comunista seria apenas um fanfarrão, se não compreendesse e assimilasse todos os conhecimentos adquiridos. Não só vocês devem assimilá-los, como fazê-lo em forma crítica, com o fim de não amontoar no cérebro um fardo inútil, mas de enriquecê-lo com o conhecimento de todos os fatos, sem os quais não é possível ser um homem culto na época em que vivemos.

V.I. Lênin. Extrato do discurso As Tarefas das Juventudes Comunistas. Edições Manoel Lisboa.

Ocupação Padre Leo Comissari luta contra despejo ilegal

Adriano Tomé

MLB São Paulo

Na madrugada do dia 21 de novembro de 2020, cerca de 200 famílias organizadas pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) ocuparam um terreno abandonado há mais de 20 anos na cidade de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, e a nomearam com o nome de Padre Leo Comissari, em homenagem ao famoso padre que durante anos construiu um grande trabalho de organização e assistência às famílias carentes da cidade, sempre defendendo o direito à terra e ao trabalho para viver com dignidade.

A ocupação foi fruto de um grande trabalho de organização realizado pelo MLB junto às famílias sem teto da cidade, que sofre com um déficit habitacional que ultrapassa a marca de 90 mil moradias, problema aprofundado pela especulação imobiliária, o aumen-

to do preço dos aluguéis e a política sistemática de despejos ilegais do prefeito Orlando Morando (PSDB).

Além das lutas organizadas nos últimos anos contra esses despejos, o movimento organizou na cidade uma ampla rede de solidariedade durante a pandemia, garantindo a entrega de cestas básicas, máscaras e álcool em gel para quem mais precisava e organizando lutas para reivindicar direitos durante a grave crise sanitária e econômica que se instaurou no país desde de março.

Conscientes de que apenas com organização e luta seria possível enfrentar a crise e conquistar uma moradia digna, as famílias decidiram ocupar o terreno que estava entregue à especulação imobiliária. Algumas horas após a entrada no terreno e a construção da maior parte dos barracos de lona e da cozinha da ocupação, a

Guarda Civil Metropolitana (GCM) chegou ao local e iniciou um processo ilegal e violento de despejo das famílias.

A guarda apontou armas de fogo para os ocupantes, agrediu a advogada do movimento, forçou a entrada no terreno, ameaçou atear fogo no terreno caso as famílias não se retirassem e mostrou que estava disposta a realizar um massacre para proteger a propriedade privada de um milionário que há décadas havia abandonado o local. Apesar da violência, as famílias não se amedrontaram, permaneceram unidas e, ao som de palavras de ordem, expulsaram a guarda de dentro da ocupação. Após esse momento, sabendo que a luta, apesar de justa, é difícil e muitas vezes longa, as famílias decidiram realizar um acordo para se retirar do terreno levando todos os seus pertences e evitar um confronto violento com a tropa de



Famílias sem teto lutam contra despejo em São Paulo

choque da GCM.

Reunidas na porta da Ocupação, as famílias realizaram uma grande assembleia e deixaram claro que a luta continuará e que, agora, ainda mais experientes e conscientes da importância de lutar, organizarão novas reivindicações e se manterão firmes para conquistar sua moradia. A primeira vitória já veio, com o afa-

tamento do subinspetor responsável pelo despejo ilegal, após uma onda de denúncias organizada pelo movimento contra ele que, além de violentar as famílias, é membro de uma organização fascista na cidade.

As famílias da Ocupação Padre Leo Comissari lutam e resistem, pois quem luta, conquista!

Prefeito Alexandre Kalil realiza despejo em Belo Horizonte

No dia 20 de novembro, cerca de 200 famílias ocuparam um terreno sem função social na região do Barreiro, em Belo Horizonte, e assim nasceu a Ocupação Carlos Marighella. As famílias viviam em áreas de risco, próximas a córregos que transbordam todos os anos. Parte destas famílias também viviam em casas de aluguel ou morando de favor em casa de parentes. Cansadas de esperar uma atitude da Prefeitura, as famílias procuraram o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB).

De acordo com o zoneamento urbano do Plano Diretor do município, o terreno é uma Área Especial de Interesse Social (Aeis), ou seja, pode ser destinado à moradia. Mas,

mesmo com o plano sendo aprovado pela atual gestão do prefeito Alexandre Kalil (PSD), a Guarda Municipal foi em peso à Ocupação pressionar as famílias para que desocupassem o terreno. A Ocupação contou com vários apoios, como a de Leonardo Péricles, presidente nacional da UP, e da vereadora eleita mais votada em BH, Duda Salabert (PDT), de moradores das ocupações próximas da região organizadas pelo MLB.

Ameaçando as famílias, a Guarda Municipal e a Polícia Militar estavam se preparando para efetivar o despejo sem aguardar decisão judicial, em um momento de pandemia e com a ausência completa de política habitacional do município. Com a intervenção do

MLB, as famílias conquistaram uma reunião com a Prefeitura para resolver o problema de moradia para as famílias. Com a reunião marcada e com as famílias dispostas a lutar e se organizar pelo MLB, o terreno foi desocupado.

Para Elton Moraes, morador da Ocupação Carlos Marighella, a situação é gravíssima: “Nós só queremos uma casa para morar. Esse povo todo morando de aluguel ou em casa de parente. Precisamos sair do aluguel. Enquanto isso, os empresários ganham milhões aí na pandemia e nós nesse sofrimento”. Segundo Dona Márcia, o terreno estava vazio há anos. “Aquele terreno tá abandonado há mais de 40 anos e o Kalil vem dizer que é área verde. Mas não queremos

desmatar nada não. Queremos morar!”.

A primeira reunião com representantes da Prefeitura aconteceu no último dia 24, com promessas de resolução do problema que ainda não se concretizaram. O MLB está

acompanhando a situação, pressionando a Prefeitura para a resolução dos problemas e organizando as famílias para desenvolverem novas lutas.

Ocupação Carlos Marighella, presente!

Redação de MG

A Verdade



Assembleia da Ocupação Marighella

Ocupação João Mulungu resiste em Aracaju

MLB

Surgida na madrugada do dia 27 de novembro, a Ocupação João Mulungu continua resistindo em Aracaju, capital sergipana. Cerca de 200 famílias organizadas pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) deram uso social a um prédio na Av. Ivo do Prado, no Centro da cidade, que estava sem uso havia mais de cinco anos. O espaço escolhido para abrigar as famílias conta ainda com uma grande dívida de IPTU.

O prédio está localizado em uma das vias mais importantes da cidade, por isso a ocupação tem sido alvo de constantes constrangimentos via Polícia Militar. Ainda na tarde do primeiro dia de ocupação, um grupo de aproximadamente 20 policiais forçou a entrada no local, mas foram impedidos pelos militantes, que montaram barricadas.

“Há mais de 20 anos o

MLB luta por moradia. Já conquistamos mais de 16 mil lares por todo o país e o processo é esse mesmo: enfrentar o Estado, que abandona prédios e terrenos que poderiam servir para mordida popular. Enquanto oito milhões de brasileiros não têm moradia, os governos não têm nenhum projeto de reforma urbana. A carência dos alimentos, o preço do gás, jogam milhares de trabalhadores em situação precária de sobrevivência. Lutar por um teto é lutar por dignidade! Haverá resistência. Só sairemos deste prédio quando o Estado resolver o problema de moradia dessas 200 famílias”, comenta Allana Santos, coordenadora do MLB em Sergipe.

Por outro lado, a Ocupação João Mulungu tem recebido intenso apoio de movimentos sociais e cidadãos aracajuanos. O Sindicato das Tra-

balhadoras Domésticas de Sergipe (Sindomestica) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) fizeram doações de cestas básicas. Além disso, a população tem declarado apoio à luta via redes sociais e ajudando financeiramente.

Por meio de assembleias diárias as tarefas e responsabilidades são repartidas entre os ocupantes, de maneira que haja o máximo de organização e segurança possível. Há também todo o cuidado em cumprir as medidas de biossegurança recomendadas pelas autoridades em saúde, como o uso de máscara e a higienização constante das mãos.

O nome escolhido para a ocupação homenageia o revolucionário lutador contra a escravidão João Mulungu, sergipano de Laranjeiras. Ele foi responsável por organizar levantes em diversos engenho-



MLB de Sergipe luta pelo direito de morar dignamente

por todo o estado, libertando milhares de homens e mulhe-

res escravizados.

Tiago Bezerra, Aracaju



MORAR DIGNAMENTE É UM DIREITO HUMANO!

Maradona sempre defendeu os oprimidos

Diego Armando Maradona, o genial jogador argentino, faleceu aos 60 anos no dia 25 de novembro, mesmo dia da morte do comandante Fidel Castro (quatro anos antes), de quem era grande admirador.

De origem pobre, ascendeu dos campinhos de várzea ao futebol profissional aos 15 anos de idade no Argentinos Juniors e, aos 18, já estava presente na seleção nacional, na época campeã mundial.

Após se transferir para a Europa, passou pelo Barcelona, da Espanha, e levou o então pequeno Napoli, do Sul da Itália, a títulos no fute-

bol italiano e continental. Mas, sem dúvidas, foi com a camisa da seleção argentina, no ano de 1986, na Copa do Mundo do México, que escreveu seu nome na história do futebol mundial, conquistando o bicampeonato após partidas memoráveis.

Derrotar a seleção da Inglaterra nas quartas de final será para sempre lembrado, não apenas pelos seus dois gols, o primeiro com a “mão de Deus” e o segundo sendo o mais espetacular gol de todas as Copas, mas por representar uma simbólica vitória da Argentina poucos anos após a Guerra das Malvinas, com a perda de território nacional para a Inglaterra.

Sua identidade latino-americana aproximou o craque de diversos líderes e governos progressistas no continente, em especial de Fidel Castro e Hugo Chávez. Ele sempre se manteve identificado com nosso continente. Foram inúmeras as visitas a Cuba e os registros com o comandante da Revolução. Em 1987, Maradona visitou Havana e conheceu Fidel pessoalmente. Diego sempre sustentou que Fidel era um segundo pai para ele e condenou as posturas hostis dos governos estadunidenses contra a Revolução Cubana.

Mesmo com uma carreira vitoriosa e reconhecimento mundial, Maradona foi



Fidel Castro e Maradona em Havana, Cuba. 2013

derrotado pela dependência química. Teve abreviado seu período dentro dos campos, conviveu por anos com clínicas de reabilitação e os efeitos devastadores da cocaína e do álcool. Sem conseguir se livrar das drogas, su-

cumbiu nesse dia tão simbólico.

Maradona foi um gênio em sua trajetória dentro do campo, simbolizando a Argentina e seu povo, para quem ele será eternamente D10S.

Rafael Pires, João Pessoa

Em homenagem a Maradona, e para a reflexão de todos os nossos leitores e leitoras em meio à pandemia da Covid-19, A Verdade publica um dos artigos de Fidel Castro publicado no jornal Granma

“O que me move a escrever é o fato de que estão para ocorrer acontecimentos graves. Não transcorrem em nossa época 10 ou 15 anos sem que nossa espécie corra perigos reais de extinção. Nem Obama nem ninguém poderia garantir outra coisa; digo isto por realismo, já que somente a verdade nos poderia oferecer um pouco mais de bem-estar e um sopro de esperança. Em matéria de conhecimentos, chegamos à maior idade. Não temos direito a enganar nem a nos enganarmos.

Em sua imensa maioria, a opinião pública conhece bastante sobre o novo risco que está às suas portas.

Não se trata simplesmente de que os mísseis de cruzeiro apontem para objetivos militares da Síria, mas que esse valente país árabe, situado no coração de mais de um bilhão de muçulmanos, cujo espírito de luta é proverbial, declarou que resistirá até o último alento a qualquer ataque a seu país.

Todos sabem que Bashar al Assad não era político. Estudou medicina. Graduou-se em 1988 e se especializou em oftalmologia. Assumiu um papel político com a morte de seu pai, Hafez al Assad, no ano 2000 e depois da morte acidental de um irmão, antes de assumir aquela tarefa.

Todos os membros da Otan, aliados incondicionais dos Estados Unidos e uns poucos países petrolíferos aliados ao império naquela região do Oriente Médio, garantem o abasteci-

mento mundial de combustíveis de origem vegetal, acumulados ao longo de mais de um bilhão de anos. Em contrapartida, a disponibilidade de energia procedente da fusão nuclear de partículas de hidrogênio, tardará pelo menos 60 anos. A acumulação dos gases de efeito estufa continuará, assim, crescendo a elevados ritmos e após colossais investimentos em tecnologias e equipamentos.

Por outro lado, afirma-se que em 2040, em apenas 27 anos, muitas tarefas que a polícia realiza hoje, como impor multas e outras tarefas, seriam realizadas por robôs. Imaginam os leitores quão difícil será discutir com um robô capaz de fazer milhões de cálculos por minuto? Na realidade era algo inimaginável há alguns anos.

Há apenas algumas horas, na segunda-feira, 26 de agosto, notícias das agências clássicas, bem conhecidas por seus serviços sofisticados aos Estados Unidos, dedicaram-se a difundir a informação de que Edward Snowden teve que se estabelecer na Rússia porque Cuba tinha cedido às pressões dos Estados Unidos.

Ignoro se alguém em algum lugar disse algo ou não a Snowden, porque essa não é minha tarefa. Leio o que posso sobre notícias, opiniões e livros que são publicados no mundo. Admiro o que há de valente e justo das declarações de Snowden, com o que, a meu juízo, prestou um serviço ao mundo ao revelar a política repugnantemente desonesta do poderoso

império que mente e engana o mundo. Com o que eu não estaria de acordo é que alguém, quaisquer que fossem os seus méritos, falasse em nome de Cuba.

A mentira tarifada. Quem a afirma? O diário russo “Kommersant”. O que é esse libelo? Segundo explica a própria agência Reuters (o diário cita fontes próximas ao Departamento de Estado norte-americano): “o motivo disso foi que no último minuto Cuba informou às autoridades, que impediram que Snowden tomasse o voo da companhia aérea Aeroflot”.

Segundo o jornal, “[...] Snowden passou um par de dias no consulado russo de Hong Kong para manifestar sua intenção de voar para a América Latina, via Moscou”.

Se eu quisesse, poderia falar destes temas sobre os quais conheço amplamente.

Hoje observei com especial interesse as imagens do presidente da República Bolivariana da Venezuela, Nicolás Maduro, durante sua visita ao navio principal do destacamento russo que visita a Venezuela depois de sua escala anterior nos portos de Havana e da Nicarágua.

Durante a visita do presidente venezuelano ao navio, várias imagens me impressionaram. Uma delas foi a amplitude dos movimentos de seus numerosos radares capazes de controlar as atividades operacionais da embarcação em qualquer situação que se apresente.

Por outro lado, indagamos sobre as atividades do jornal mercenário “Kommersant”. Em sua época, foi um dos mais perversos veículos de imprensa a serviço da extrema direita contrarrevolucionária, a qual se aproveita do fato de que o governo conservador e lacaios de Londres envie seus bombardeiros à base aérea no Chipre, prontos para lançar suas bombas sobre as forças patrióticas da heroica Síria, enquanto no Egito, qualificado como o coração do mundo árabe, milhares de pessoas são assassinadas pelos autores de um grosseiro golpe de Estado.

É nesse clima que se preparam os meios navais e aéreos do império e de seus aliados para iniciar um genocídio contra os povos árabes.

É absolutamente claro que os Estados Unidos sempre tratarão de pressionar Cuba, como faz com a ONU ou qualquer instituição pública ou privada do mundo, uma das características dos governos desse país, e não seria possível esperar de seus governos outra coisa; mas não é vão que há 54 anos se resiste defendendo sem trégua – e o tempo adicional que for necessário –, enfrentando o criminoso bloqueio econômico do poderoso império. Nosso maior erro é não termos sido capazes de aprender muito mais em muito menos tempo.

Fidel Castro Ruz
27 de agosto de 2013

A Verdade presente em Seminário Internacional de Jornalismo

Da Redação

No dia 25 de novembro, o jornal *A Verdade*, representado pelo jornalista Rafael Freire, participou do Seminário Internacional “Comunicação Emergente e a Transformação Social em 2020”, promovido em plataforma virtual pela Universidade Técnica de Cotopaxi, Equador. O evento contou com uma extensa programação, entre os dias 24 e 27, e mobilizou cerca de 400 participantes em cada mesa de debates, sobretudo estudantes de Jornalismo.

Juntamente com Rafael, participaram da discussão sobre comunicação alternativa as jornalistas Karla Colopaxi, integrante da redação do jornal equatoriano *Opción* desde sua fun-

ção, em 2000, e atualmente residindo na França; e Natalia Vinelli, que atua como pesquisadora em comunicação na Universidade de Buenos Aires, Argentina.

Os três palestrantes atuaram com muita unidade de pensamento, o que gerou nos estudantes um forte sentimento de se engajar nas lutas sociais e de trabalhar com a comunicação alternativa e popular.

Karla fez uma explanação histórica sobre a imprensa proletária, ressaltando as teses leninistas e a experiência de antigos jornais operários do Equador, chegando até a luta do jornal *Opción* na atualidade. Natalia apresentou o cenário argentino, de mo-

nopólio do grupo Clarín, e destacou pensadores contemporâneos da comunicação, críticos ao modelo de informação rápida, descontextualizada, surgido principalmente após o crescimento das mídias digitais.

Já Rafael apresentou ao público o jornal *A Verdade*, falou sobre a luta das rádios comunitárias, sobre assessoria de imprensa em entidades sindicais, sobre o sistema de comunicação brasileiro e sobre a realidade vivida pelos jornalistas no Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro comandando pessoalmente cerca 300 ataques diretos à imprensa, segundo dados de setembro levantados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

FORA BOLSONARO A VERDADE

Um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo | Brasil, 5 de maio a 5 de junho de 2020, nº 227, ano 20 | R\$ 2,00

Governo Bolsonaro é cruel e desumano com os pobres



“O que me preocupa são famílias de dez milhões com os trabalhadores e trabalhadores de rua, aqueles que são responsáveis por produzir os alimentos, os produtos, o petróleo e a energia, garantir a venda e a distribuição dos produtos, o transporte, o gás, a água que realmente trabalham. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no país e a Princesa Maria Mafalda foi construída. Enquanto isso, hospitais estão fechados porque os hospitais estão superlotados e falta de UTIs, quando não, faltam médicos. As únicas coisas que crescem no governo são o desemprego e a violência contra os trabalhadores. Em 14 meses de governo, nenhum hospício foi construído no

As gestantes na pandemia

No dia 8 de agosto, o Brasil ultrapassou a marca de 100 mil mortes pelo novo coronavírus, dentre estas, mais de 200 gestantes e puérperas¹. Um estudo feito por enfermeiras e obstetras (publicado pelo jornal científico *International Journal of Gynecology & Obstetrics*) a partir dos óbitos de 124 destas mulheres, revela que pelo menos 22,6% não tiveram nem acesso a um leito de UTI. As mulheres gestantes, principalmente as mais pobres da nossa sociedade, sempre sofreram dificuldades para manter os cuidados pré-natais, que, segundo o Manual Técnico de Assistência Pré-natal fornecido pelo Ministério da Saúde, “[...] tem como objetivos principais assegurar uma evolução normal da gravidez; preparar a mãe para um parto, puerpério e lactação² normais; identificar o mais rápido possível as situações de risco, para que seja possível prevenir as complicações mais frequentes da gravidez e do ciclo puerperal”.

Além disso, tanto no sistema público quanto em instituições privadas, situações de descalço ou violência obstétrica³ existem desde as gerações mais antigas de mulheres. Com o atual cenário da pandemia, essas adversidades se tornaram mais evidentes, principalmente entre mulheres negras. Segundo o mesmo estudo, em 69 casos analisados, as mulheres negras chegaram a situações muito mais críticas da doença do que as mulheres brancas, chegando a ter quase o dobro de riscos de mor-

te do que elas. Esses dados são um reflexo da desigualdade social e do racismo existente no nosso país. Além disso, as adversidades também se apresentam na mudança de protocolo de parto e acompanhamento dos procedimentos pré-natais das maternidades que foram adaptados para atender às medidas de segurança.

Dessa maneira, a gestação se tornou uma experiência ainda mais desafiadora para as mulheres que esperam a chegada de uma nova vida. O protocolo seguido pelas maternidades é muitas vezes violento, e mulheres acabam sendo vítimas da violência obstétrica dentro de um ambiente que, teoricamente, deveria ser acolhedor e seguro, já que ficam tão vulneráveis no momento do parto. Como a gestante se encontra em estado de instabilidade emocional e imunológica, é de suma importância a presença de um acompanhante, mas isso tem sido impossibilitado devido ao isolamento social.

Laura Cardoso, uma das mães entrevistadas pelo jornal *A Verdade*, estava grávida de oito meses no início da pandemia e, segundo ela, o medo de se contaminar durante os acompanhamentos médicos era grande, mas seu principal sofrimento foi não poder ter um acompanhante na hora do parto.

“No dia do parto, precisei ficar de máscara o tempo todo e sempre passando álcool. Essas foram as recomendações médicas por, naquele dia, estar sendo feito o parto de uma mulher com Covid-19. O maior proble-

ma pra mim, na maternidade, foi não poder ter um acompanhante assim que meu filho nasceu, porque sou mãe de primeira viagem e inexperiente. Assim que fui para o quarto, fiquei sozinha até o dia da alta, sem acompanhante e sem visita. O tempo todo tive muito medo, das enfermeiras... médicas... e ver meu filho ali, tão pequeno e podendo se contaminar, foi horrível! [...]”.

Segundo Thais Dominato, defensora pública e coordenadora do Núcleo Institucional de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (Nudem), em uma entrevista para a Revista *Badaró*: “O acompanhante, não há dúvida, é um dos maiores inibidores da violência obstétrica”. O relato de Laura confirma essa informação e evidencia o quanto a falta de um acompanhante aumenta o medo de sofrer violência no parto.

Outra de nossas entrevistadas, Jéssica Paiva, narrou um caso diferente. Como o parto dela aconteceu em um hospital particular, ela teve direito a acompanhante, no entanto, nem por isso sua experiência foi menos traumática:

“[...] No dia em que eu ia receber alta, minha mãe passou mal (ela esteve no quarto comigo a todo momento) e passou por uma consulta no mesmo hospital que eu já estava. Na consulta, deu que ela estava com suspeita da Covid, só que o resultado do teste só sai em 48 horas, né? Ai já viu! Ela foi pra casa, e como eu estive o tempo todo com ela e o bebê, ele também teve contato com a minha



Os cuidados durante a gestação

mãe. Então eu tive que ir pra uma área isolada e o bebê, que estava na UTI e ia ter alta também, também teve que ir pra uma área isolada lá.[...]”

Por sorte, a mãe e o bebê testaram negativo para a Covid-19, mas como a avó, que morava na mesma casa, testou positivo, Jéssica foi morar temporariamente com uma tia até que sua mãe e padasto (que acabou contaminado também) se recuperassem da doença e assim pudessem retornar ao seu lar.

Diante desses depoimentos, pode-se observar que realizar partos em hospitais, nesse período de pandemia, não tem sido uma experiência segura para as mães, já que se tornam suscetíveis a traumas psicológicos e à contaminação com o novo coronavírus. Nesse caso, o ideal seria que o Estado investisse mais no Sistema Único de Saúde (SUS) e criasse mais hospitais de campanha. Assim, todas as gestantes, independente de suas condições financeiras, teriam ambientes mais seguros e isolados do vírus para realizarem seus partos e procedimentos pré-natais, além de terem suas integridades físicas e psicológicas devidamente asseguradas.

No caso de gestantes contaminadas, tanto para evitar que o vírus se espalhe quanto para garantir um parto seguro para elas seus bebês, o essencial seria que houvesse maternidades de campanha, ou, no mínimo, alas específicas para a maternidade nos hospitais de campanha já existentes. Sabe-se que o Estado tem totais condições financeiras de oferecer saúde de qualidade para o seu povo e a assistência necessária para esse período de pandemia.

No entanto, para o atual Governo Federal, a economia está à frente da saúde e da vida das mulheres. Por isso, a verba que deveria ser destinada a alcançar um sistema público de qualidade é desviada para os interesses dos banqueiros e grandes empresários que estão longe de defender os direitos e atender às necessidades do povo trabalhador do país, já que enriquecem à custa destes.

Samira Gois e Vitória Mangine, Mauá

¹ Puérpera: mulher que deu à luz há bem pouco tempo.

² Lactação: amamentação.

³ Violência obstétrica: apropriação do corpo da mulher e dos processos reprodutivos por profissionais de saúde na forma de um tratamento desumanizado, medicação abusiva e reduzindo a autonomia da paciente.

A Revolta da Cabanagem: um exemplo de luta

Marcus Ribeiro

A Revolta da Cabanagem e demais movimentos populares no século 19 foram relegados pela historiografia oficial da burguesia como fatos históricos sem significância. Muitos historiadores abordam esses movimentos como acontecimentos que deram vazão à explosão de bestiais sentimentos e paixões das massas, como afirma Caio Prado Jr., em um dos vários destaques pertinentes na pesquisa historiográfica empreendida pelo professor Luís Balkar de Sá Peixoto em seu livro *Visões da Cabanagem – Uma revolta popular e suas representações na historiografia*.

A obra de Sá Peixoto, docente na Universidade Federal do Amazonas, aborda como o movimento cabano, que tem várias periodizações (dentre elas a mais comum é 1836-1837) foi registrado ao longo da história. Ora elaborado por membros ativos no acontecimento ou viajantes que testemunharam parte dele, ora revisitado por pesquisadores, mantendo, retocando e propondo discursos. Há, de maneira clara, uma postura hegemônica nos centros culturais dominantes do país de uma não abordagem significativa do movimento cabano, colocando-o constantemente numa categoria genérica facilmente encontrada em qualquer livro didático de história sob capítulos ou até pequenas notas como “Revoltas Regionais”.

Apesar de algumas obras que buscaram produzir um relato “oficial” do acontecimento nortista, será só em 1942 que uma abordagem propriamente historiográfica é produzida por Ernesto Cruz, historiador paraense, no livro *Nos bastidores da Cabanagem*. Como toda e qualquer produção da história não tem isenção, nunca é purificada em suas linhas, nunca é solta do chão em que pisa o historiador, dos pensamentos e propensões que o atravessam, as produções demonstram tanto visões em que o movimento cabano não havia sido nada além de uma desordem por parte de malfeitores, quanto de “revolução popular”.

O que se diz sobre a Cabanagem ainda se encontra claramente em disputa e cria tensões sobre as origens do movimento, seus atores e suas aspirações. Tais tensões só serão dissolvidas através do estudo contínuo que, diga-se, cresceu nas últimas décadas, e da reflexão, da apropriação do processo ocorrido nos Estados do Pará e Amazonas, como parte fundamental de uma construção da identidade amazônica pelos seus estudiosos, também seus habitantes e, por que não, militantes que ainda hoje buscam a emancipação do povo.

Ou seja, é necessário despertar o interesse nortista por um capítulo que pode ser de grande relevância para firmar

uma postura cada vez mais combativa dos povos da Amazônia, que resistem até os dias atuais.

Cabe refletirmos sobre os motivos deste pouco interesse em desenvolver análise sobre a Cabanagem. O professor Sá Peixoto, citando José Chiavenato, afirma que o estudo do movimento incomodava os grupos dominantes e era “um exemplo perigoso que precisava ser riscado da história”. Uma indagação proposta em *Visões da Cabanagem* é se, nos dias atuais, ela ainda representa algum tipo de perigo para os grupos dominantes de hoje.

Na abordagem registrada no século 19 encontramos, nas falas do general Francisco José Soares de Andréa, uma base largamente utilizada no período. O registro leva ao entendimento do movimento cabano não como algo oriundo da organização de uma luta popular, ou de lutas, no plural, mas sim de um afloramento da barbárie de uma massa selvagem, sem senso de civilidade e levada por instinto animal, ou seja, uma turba violenta.

Sá Peixoto destaca em sua produção um primeiro passo para além desta imagem que ficou cristalizada da Cabanagem, apontando Moreira de Azevedo, um dos autores estudados, o qual se utilizou de um termo interessante, quase familiar, a “luta de castas”. Pouco a pouco, a abordagem da problemática pa-

raense se deslocava para o campo de um movimento que justificou sua violência por conta do histórico tirânico e dizimador que se arrastava desde a chegada portuguesa às terras indígenas na criminoso colonização.

Portanto, a visão sobre os cabanos na virada do século 20 era de que estaríamos diante de um ato de vingança instintiva. Não se pode dizer que tal elemento possa ser descartado. As feridas da colonização e escravidão indígena ainda sangram, sem sombra de dúvida.

A história permanece desafiada a demonstrar quem eram esses cabanos. Esses revoltosos eram comumente tratados de forma muito genérica, quando não, desqualificados, tidos como degenerados, alcóolatas. Assim como a história conduzida pela classe dominante nunca deu feições para os cabanos, ela também omitiu as atrocidades cometidas pelas forças legais da época, comandadas pelo general de Andréa que, ao passo que reprimiu a revolta, escreveu uma das primeiras versões da história do movimento, um registro que, passado a pano de sua classe abastada, envernizada e bastante inclinada a criar uma narrativa da construção brasileira de nação.

Os pares do general, proprietários de terras e bem nascidos, sedentos de mais poder político frente às novas tramas na então formação do Império bra-

sileiro, são postos como defensores da civilização, da razão e do direito. Inclusive, outra omissão interessante é a de que o mesmo general havia sofrido diversos reveses e derrotas humilhantes em inúmeras vilas da Província, sendo a única vila destacada na sua produção a de Cameté, onde com alguma dignidade se manteve o moral de sua tropa.

Vale a pena a leitura do livro *Visões da Cabanagem* e também vale a continuidade da reflexão das esquerdas nortistas do quanto nos é favorável lembrar que um dia povos em condições miseráveis e cheios de força e vontade própria, de desejo de emancipação, entraram num movimento com variadas frentes para marcar posição, e uma posição revolucionária. É preciso estarmos mais conscientes de nossa história e, acima de tudo, traçarmos uma linha memorial que nos inspire a lutar pela vida digna a qual todos temos direito.

Por fim, cabe o constante estudo da história dos povos originários, do chão que pisamos, do que os novos tempos demandam no enfrentamento de uma velha guerra, renovada diariamente. Vamos à raiz de nossa história, portanto, de uma maneira radical. Indígenas, caboclos, nortistas, verdadeiros donos desta terra, uni-vos!

Marcus Ribeiro é coordenador-geral do Sindipetro AM

Lutar para ser realmente livre

Queops Damasceno, São Paulo

Não é segredo para ninguém que nosso partido está em franca ascensão. Só do ano passado até agora, cresceu muito rapidamente a quantidade de camaradas que militam conosco. Mas, muitos companheiros e companheiras, ao chegarem no partido, trazem consigo vícios e traços de uma sociedade dividida em classes. A consciência desses novos camaradas está quase sempre bastante atrasada em relação à consciência dos comunistas. Para formar o mais rapidamente esses homens e mulheres, não podemos rebaixar o nível de nossa consciência. Pelo contrário, devemos elevar a consciência dos recém-recrutados ao nível da consciência comunista do partido.

Um dos vícios mais presentes entre a juventude é a utilização de drogas lícitas e ilícitas. Poderíamos aqui citar outros tipos de vícios, como os jogos de videogame, computador, etc. No entanto, nos restringiremos nesse texto, para cumprir um objetivo muito determinado, a tratar a questão do uso de drogas ilícitas.

O contingente de jovens que usam algum tipo de entorpecente é muito grande. A maconha, por exemplo, é a segunda droga mais utilizada pela juventude no Brasil.

Pois bem, observamos em diversos locais, a aproximação e, muitas vezes, até o ingresso em nossa organização de companheiros oriundos de diversos meios e camadas sociais, mas que mantêm costumes muito parecidos, trazem os mesmos vícios e compartilham de certa rotina. É importante que não tratemos esses camaradas como um grupo. É necessário individualizarmos a discussão com cada um para obtermos resultados significativos. E em todas essas discussões, devemos reafirmar nossa linha sobre a questão: droga é alienação!

Precisamos demonstrar aos companheiros que a fuga da realidade é o principal objetivo do uso dessas substâncias e que essa fuga é muito preju-

dicial a um comunista. Afinal, o objeto de trabalho do comunista é a realidade. Precisamos também estabelecer critérios mínimos para que esses camaradas possam se manter atuantes em nossos coletivos enquanto realizamos essa discussão. Um exemplo de critério que podemos estabelecer, primeiramente, é reconhecer essas limitações individuais, essa dependência, concordar com nossa linha sobre o assunto e querer parar de fazer uso, não militando em nenhuma circunstância a favor do uso (mesmo que recreativo) de drogas ilícitas.

Infelizmente, mesmo obtendo certamente um saldo positivo com toda essa movimentação para transformar esses militantes estáveis e desenvolvidos politicamente, é possível que tenhamos também o afastamento de alguns.

Esses, justamente por subestimarem o vício, sucumbem à droga e não conseguem compatibilizar seus antigos hábitos à luta que o partido precisa desenvolver para realizar uma revolução. São muitas tarefas, lutas, reuniões, brigadas, panfletagens, campanhas, eventos e, de fato, é necessário disciplina. Não a disciplina dos quartéis, do exército burguês, imposta por castigos e baseada na mentira e na dissimulação, mas, pelo contrário, uma disciplina consciente.

Como diria, Boldiriev em seu texto *A Formação da Moral Comunista*:

“A disciplina soviética é uma disciplina consciente. Tem por base a atitude consciente dos trabalhadores em relação às suas obrigações e a compreensão que os mesmos têm das normas e regras de conduta em vigor. Caracteriza-se pelo fato de que os homens soviéticos cumprem os seus deveres de maneira consciente e voluntária.

Entretanto, a disciplina soviética é uma severa e férrea disciplina; supõe a subordinação das tendências e desejos individuais às necessi-

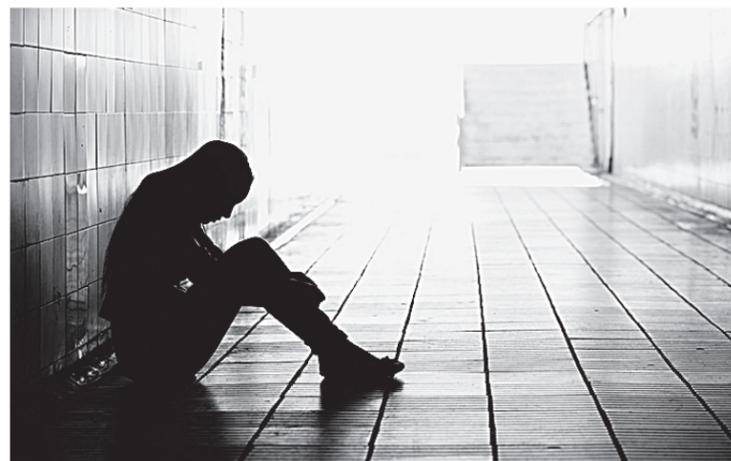
dades e interesses sociais. A circunstância de que a disciplina soviética é de ferro não contradiz o seu caráter consciente. 'Uma férrea disciplina – afirma o camarada Stálin – não exclui, mas sim supõe a subordinação consciente e voluntária porque só uma disciplina consciente pode ser realmente uma disciplina de ferro.'”

Sendo assim, não devemos nos afastar dos companheiros que possivelmente tutearem, nem rebaixarmos nossa consciência para conviver melhor com eles. Ao contrário, podemos distensionar em um primeiro momento, mas devemos novamente procurar o(a) camarada, saber como está, tentar atingir seu atual nível de consciência e elevá-lo(a) através da discussão. Obteremos sucesso se não desistirmos de cada um, se dermos o exemplo e se compreendermos que a única disciplina verdadeiramente férrea é uma disciplina consciente e voluntária.

Outros camaradas, após um ritmo de discussão profunda, abandonarão por completo o vício. Será, pois, uma importante decisão e demonstrará justamente o contrário do caso anterior. Temos exemplos de camaradas que fumavam maconha há mais de dez anos sem parar e, após essa discussão, pararam completamente por compreenderem as necessidades do nosso partido de avançar no sentido de ter milhares e milhares de camaradas que se entreguem sem limites à causa da revolução.

Ainda terão os que diminuirão bastante o uso e darão muitos sinais do seu compromisso com a organização. Então, precisaremos dar-lhes mais acompanhamento, mais assistência, confiar-lhes mais tarefas importantes e ajudá-los a estabilizar sua vida financeira, profissional, emocional, etc. Os responsáveis por esses companheiros devem cuidar disso como uma de suas tarefas principais.

É preciso também buscar os informes e a situação dos



camaradas que são ainda muito jovens e inexperientes. Em geral, estão sob a influência de pessoas mais velhas e provavelmente não têm ainda uma noção precisa dos riscos à saúde física e mental. Também desconsideram o grande risco de criminalização imposto pelo hipócrita Estado burguês, que lota os presídios de pobres pegos com pequenas quantidades de drogas e deixam livres os traficantes ricos que são pegos com helicópteros cheios de cocaína.

A luta de classes é implacável. Se manifesta em cada aspecto da vida social e, neste sentido, não é diferente. No capitalismo, os comportamentos são julgados e punidos de maneira completamente diferentes de acordo com a classe social a que se é pertencente.

É preciso lutar para ser realmente livre. Livre não do ponto de vista burguês, apenas tendo em consideração o seu indivíduo. Mas livre do ponto de vista proletário, consciente das necessidades e interesses do partido e da revolução. Portanto, não devemos colocar a personalidade de um ou de outro como algo dado e imutável. Todos nós estamos construindo nossa personalidade e melhor o faremos se tivermos mais consciência da realidade, se não fugirmos dela e se subordinarmos nossa personalidade à luta do povo.

Contribuiremos enormemente para libertar milhões e milhões de homens e mulheres de seus vícios se derrubarmos esse sistema injusto e desigual, que nos quer entorpecidos. Mas, para destruímos de vez o capitalismo, precisaremos de uma vanguarda que esteja disposta a se modificar ainda de-

baixo dessas difíceis condições e que seja capaz de dirigir uma massa imensa de pessoas de maneira absolutamente consciente e disciplinada. Vejamos o que diz Stálin, em 1906, em polêmica com os anarquistas, quando se referiu à coincidência entre os interesses pessoais e os interesses coletivos na luta pelo socialismo. Em *Anarquismo ou Socialismo?*, Josef Stálin escreveu:

“O marxismo e o anarquismo acham-se estruturados sobre princípios inteiramente diferentes, apesar do fato de que ambos se apresentam na arena de luta sob a bandeira socialista. A pedra fundamental do anarquismo é o indivíduo, cuja libertação, segundo prega, representa a condição principal da libertação das massas, da coletividade. Segundo o anarquismo, é impossível a libertação das massas enquanto o indivíduo não se libertar, em vista do que decorre a sua palavra de ordem: 'tudo para o indivíduo!'. Entretanto, para o marxismo a pedra fundamental são as massas, cuja libertação, segundo sua opinião, é a principal condição de libertação do indivíduo. Isto é, segundo o marxismo, impossível libertar o indivíduo antes de se libertar as massas, em vista do que decorre a sua palavra de ordem: 'tudo para as massas!'.”

Por fim, é necessário dizer que podemos deixar que essa fenda esteja aberta em nossa organização e se oferecendo como um local propício para a burguesia nos golpear. É preciso fechar essa fenda e cuidar de nossa segurança.

O centenário de Paulo Freire

O ano de 2021 marcará o centenário do educador brasileiro Paulo Freire, nascido no dia 19 de setembro de 1921, em Recife (PE). Freire morreu de ataque cardíaco, em 1997.

Formou-se em Direito, mas não seguiu carreira e dedicou sua vida e sua obra intelectual ao magistério, sendo reconhecido, em 2012, como Patrono da Educação Brasileira. Foi também nomeado doutor *honoris causa* em 28 universidades de vários países e teve obras traduzidas em mais de 20 idiomas.

Em 1963, como diretor do

Programa Nacional de Alfabetização do Governo João Goulart, coordenou uma ação que alfabetizou 300 pessoas em um mês no Município de Angicos (RN). Em quatro anos, planejava alfabetizar 16 milhões de adultos em todo o país, o que foi interrompido pelo Golpe Militar de 1964.

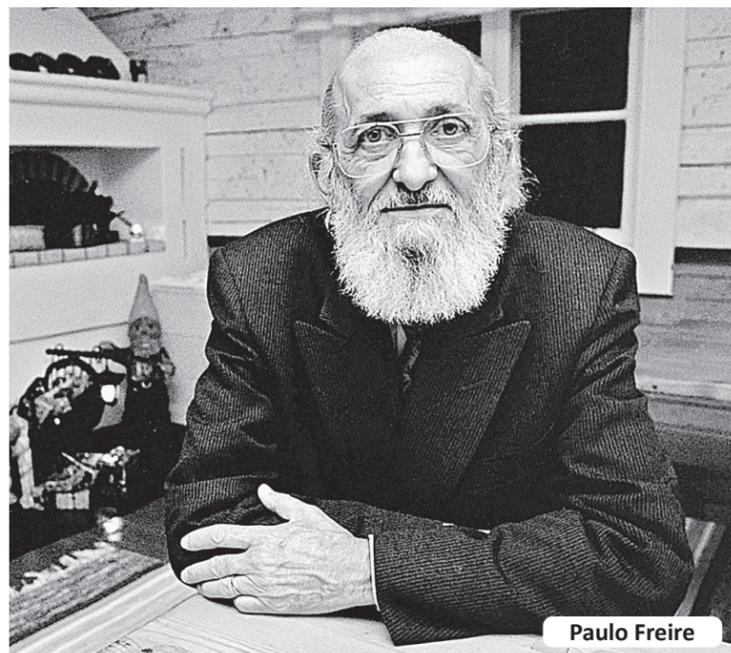
Freire passou 70 dias na prisão antes de se exilar. Em 1968, no Chile, escreveu seu livro mais conhecido, *Pedagogia do Oprimido*. Com a Anistia, em 1979, voltou ao Brasil, integrando-se à vida universitária e se filiou ao Partido dos Trabalhadores. Entre

1989 e 1991, foi secretário municipal de Educação de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina.

Sua obra está assentada na dialética relação entre o processo educacional e a vida real das pessoas, especialmente do povo pobre. A partir do local onde cada um está inserido, deve-se construir o conhecimento, de forma coletiva e visando à transformação da sociedade.

Por tudo isso, 2021 será, merecidamente, o Ano Paulo Freire no Brasil.

Da Redação



Paulo Freire

Jesus de Nazaré, o filho do carpinteiro

“Os cristãos, temos que lutar contra a economia da exclusão e da iniquidade e o mal cristalizado em estruturas injustas” (Papa Francisco)

José Levino

Jesus de Nazaré, o Cristo, é reivindicado pelos pobres, explorados e também pelos exploradores. Falam em seu nome os que defendem que Deus é Amor e os que proclamam que Deus é vingador, e em seu nome bombardeiam países dominados (George Bush) ou oram fazendo o sinal de tiro com os dedos à Bolsonaro. Afinal, Jesus era assim mesmo, abrangente e contraditório, ou há setores usando seu nome em vão, falseando a doutrina e o exemplo do jovem nazareno que desafiou os poderosos do seu tempo? Apesar das limitações dos quatro evangelhos canônicos da Bíblia, aqueles selecionados pela Igreja no século IV d.C., depois de ser cooptada pelo Império romano, é neles que buscarei a resposta.

Jesus nasceu na Palestina. Filho de José, um carpinteiro de Nazaré, aldeia da Galileia, e de Maria, uma bela jovem. Os hebreus eram, em sua origem, um povo asiático nômade, que exercia a atividade pastoril, e se dividia em comunidades tribais. Nelas, não havia propriedade privada, os bens produzidos pertenciam a todos, num regime de comunismo primitivo.

Em 1750 a.C., fugindo de uma terrível seca, emigram para o delta do rio Nilo, em território egípcio, onde servem aos faraós por quatrocentos anos. Deixam o Egito em 1250 a.C., liderados por Moisés, em busca da Terra Prometida, onde chegam 40 anos depois, dominando os cananeus, que ali residiam.

Surge a exploração do homem pelo homem

Em Canaã (Palestina), foi curto o período de tranquilidade, pois vieram os ataques e a dominação dos impérios da época: assírios, babilônios, macedônios e, finalmente, os romanos. Quando Jesus nasceu, a Palestina era província de Roma. O poder político era exercido pelos fariseus e saduceus, aliados dos romanos, que só interferiam para cobrar o tributo, nomear os sumo-sacerdotes (entre as quatro famílias mais ricas) e decidir a pena quando alguém era acusado de crime político.

Os pobres e os setores médios eram contrários à dominação romana. Alguns deles organizaram um movimento armado, chamado ZELOTES, que queria expulsar os romanos e assumir o poder político, representado pela tomada do Templo de Jerusalém, que era, de fato, a sede do governo.

Existiam, ainda nas aldeias, os essênios, movimento de camponeses pobres que nunca abandonaram a vida comunitária. Eles moravam nas aldeias, não utilizavam a terra para fins comerciais, tirando dela apenas o necessário para a subsistência. Viviam como irmãos. Seu princípio maior era o amor ao próximo.

Quem é este homem?

Cedo, o menino revelou-se inteligente e interessado em conhecer as doutrinas da época e a vida do povo. Morando numa aldeia, Nazaré, conheceu os essênios, com quem aprendeu o desapego às riquezas, partilha dos bens, amor ao próximo, vida coletiva. Com os estoicos (filosofia helênica trazida pelo domínio de Alexandre, da Macedônia), identificou-se com o apego à verdade (“A verdade vos libertará”), a dedicação radical à causa (“o Pai não aceita o morno; ou se é quente ou se é frio) e a serenidade em qualquer circunstância (enfrentou o martírio com dignidade e serenidade). Frequentou as sinagogas e bebeu na fonte das profecias, especialmente de Isaias, de quem gostava de citar: “*Trago comigo o espírito de Deus, que me enviou para anunciar a boa-nova entre os pobres...*”. Assim, as três fontes constitutivas do cristianismo foram: a prática dos essênios, a filosofia dos estoicos e a religião dos profetas hebreus. A isso, Jesus acrescentou uma espiritualidade mais profunda que a de todos eles.

Somente aos 30 anos de idade se sentiu preparado para levar a mensagem ao povo. Inicialmente, a impressão é de que se tornaria um líder zelote, pois dizia: “*Não vim trazer a paz, e sim a guerra; quem não tiver arma, venda seu manto ou seu arado e compre uma*”. Mas logo mudou de estratégia. Concluiu que de nada adiantaria expulsar os romanos e tomar o poder político, se as pessoas permanecessem egoístas, ambiciosas, adoradoras do deus Mamom (riquezas). Era preciso que os pobres se convertessem, se tornassem essênios. E, para isso, é preciso “*amar ao próximo como a si mesmo*”. Este mandamento é tão importante como aquele de Moisés, que dizia: “*amar a Deus sobre todas as coisas*”.

Jesus não buscava confronto com o poder romano ou local, mas este aconteceria inevitavelmente porque sua pregação implicava mudança radical nos costumes. Deixava que seus discípulos colhessem aos sábados, pois a necessidade humana está acima da lei que mandava guardar este dia. “*o homem não existe para o sábado, mas o sábado para o homem*” (Marcos, 2); condenava a exploração de classe: “*Benditos vós, os pobres, pois o Reino de Deus é vosso; malditos os ricos, porque já estão fartos*”, e “*Os pobres possuirão a Terra*”. (Sermão das Bem-Aventuranças).

Escolheu um grupo de 12 auxiliares diretos (os apóstolos) para a missão entre os pobres, especialmente pescadores. “*O Espírito do Senhor está sobre mim porque Ele me ungiu para levar boas notícias aos pobres, para anunciar a*

liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos” (Lucas, 4-18). Multidões (de pobres) o seguiram e ele mostrou os benefícios da economia de partilha, alimentando cinco mil pessoas com o pouco que cada um trazia, a partir dos cinco pães e dois peixes dos apóstolos. Quer dizer, quando se colocam os bens em comum, o pouco de cada um se multiplica e ninguém passa necessidade. E os ricos não poderiam aderir à Boa-Nova? Sim, desde que coloquem seus bens em comum. Foi o que ele disse ao jovem de família rica que pretendia segui-lo.

Três anos depois de pregar pelas aldeias palestinas, resolve entrar na capital, Jerusalém, centro do poder econômico e político. Simbolicamente, foi à frente da multidão montado em um jumento, para dizer que não queria guerra (os zelotes andavam em potentes cavalos), mas apenas dizer a Palavra para os peregrinos de todos os lugares, pois era a celebração da Páscoa (passagem da escravidão do Egito para a liberdade).

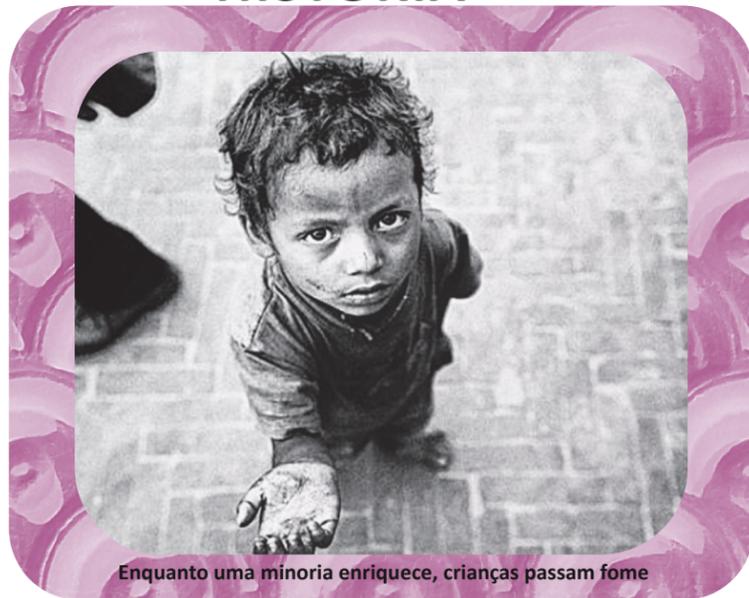
Quando chegou ao Templo, encontrou-o tomado por mercadores de todo tipo. Chamou seus seguidores e – no único momento de ira registrado pelos evangelhos – expulsou os comerciantes à força, bradando: “*A Casa do meu Pai é casa de oração e não covil de ladrões*”. O Poder sentiu-se ameaçado; achou que por trás do pacifismo de Jesus, então conhecido como o Cristo (enviado, ungiu), gestava-se um movimento de massa contra a dominação romana e o poder local. O Conselho do Sinédrio mandou prendê-lo. Mas não queria fazê-lo no meio da multidão. Taticamente, à noite, Jesus e os mais próximos iam dormir em um dos morros próximos da cidade, sem informar onde estavam. Um dos apóstolos, entretanto, Judas Iscariotes, o traiu.

Barbaramente torturado em via pública, Jesus foi levado para um dos morros, o Gólgota, e crucificado, pena máxima reservada para os grandes salteadores e para os insurretos zelotes. O Cristo morria, apenas fisicamente, pois como acontece com todos os seres especiais, sua mensagem permaneceu e se propagou pelo mundo inteiro.

Fonte de libertação

Depois da morte de Cristo, os apóstolos organizaram seus adeptos em comunidades, tanto na Palestina quanto nos países vizinhos e em Roma. Estas comunidades praticavam o comunismo primitivo dos essênios: “*Vendiam tudo o que tinham, colocavam em comum, e não havia necessitados entre eles*” (Atos dos Apóstolos). Eram comunidades autônomas, não havia centralização.

Setores médios e ricos vão aderindo cada vez mais à nova religião, cuja moral se apresen-



Enquanto uma minoria enriquece, crianças passam fome

ta muito superior ao judaísmo e ao paganismo decadente. Mas os ricos não colocam seus bens em comum. Para aceitá-los, o princípio é flexibilizado – basta ajudar os necessitados com uma pequena parte do que se tem (a esmola substitui a partilha).

Os cristãos, antes perseguidos e massacrados pelos imperadores romanos, no governo de Constantino (312 d.C) veem o cristianismo tornar-se religião oficial do Império romano e adotar a estrutura da Corte (hierarquia, culto, vestes, etc.). Nasce a Igreja Católica, integrante ou aliada das classes dominantes no fim do Império romano, por toda a Idade Média, promovendo a Inquisição, abençoando a colonização da África e da América na era Moderna, ditando que negros e índios não têm alma e, por isso, podem ser escravizados. A Reforma Protestante, ocorrida no século XVI, não teve caráter popular; ao contrário, teve como objetivo adequar o “cristianismo” aos interesses da nova classe dominante (burguesia), visto que a Igreja Católica estava comprometida com a velha ordem feudal.

A Teologia da Prosperidade é cristã?

Ora, se Jesus endureceu quando viu o comércio na porta do Templo de Jerusalém, imagine-o diante das suntuosas igrejas, especialmente as neopentecostais com sua Teologia da Prosperidade, estimulando o enriquecimento individual e a doação de tudo o que a pessoa tem, pois o Senhor restituirá em dobro? O que diria o Nazareno ao ler no Jornal Folha Universal o bispo Edir Macedo escrever que sua relação com Deus é uma relação de negócio exitosa, pois sua Igreja tem se espalhado pelo mundo inteiro? Ao observar que autoproclamados servos fiéis colocam suas igrejas a serviço de candidaturas que adotam a violência contra os pobres, retiram direitos históricos, abrem caminho para retorno às relações de escravidão? Não se surpreenderia, pois afirmara aos seus seguidores: “*Muitos virão em meu nome, muitos falsos profetas, e enganarão muitas pessoas*” (Mateus, 24), mas, certamente, ficaria mais colérico que no episódio de Jerusalém.

Onde estão os verdadeiros cristãos?

A essência da mensagem transformadora de Jesus Cristo sempre ressurgiu. Na Idade

Média, os movimentos heréticos procuraram mantê-la e refundar as comunidades até serem exterminados pela Inquisição e pelas Cruzadas. Renasce durante a invasão das Américas com a criação das comunidades comunistas guaranis no Sul do Brasil, com as Comunidades Eclesiais de Base após o Concílio Vaticano II. Fomentadas por bispos do povo do quilate de dom Helder Câmara, dom Frago, dom Paulo Evaristo Arns, dom Tomás Balduino. E numa homenagem especial, pela passagem recente para a eternidade (08/08/2020), dom Pedro Casaldáliga.

Dom Pedro, que faleceu aos 92 anos de idade, era um sacerdote espanhol que deixou sua terra, seu trabalho de professor e diretor de uma revista para viver e dedicar-se durante 50 anos aos indígenas, camponeses pobres e peões, assim chamados trabalhadores rurais sem terra de todo o país que migravam para trabalhar nas grandes fazendas do Mato Grosso em regime de semiescravidão.

Chegou a São Félix do Araguaia em 1968, quando o Brasil já vivia sob ditadura militar endurecida com o AI-5 em dezembro daquele mesmo ano. Mas isso não o atemorizou. Em 1970, enviou para a CNBB e para autoridades o documento de denúncia “Escravidão e Feudalismo no Norte do Mato Grosso”. Daí em diante, passou a ser perseguido, caluniado, recebeu ameaças de morte, mas não recuou nem se escondeu. Nomeado bispo da Prelazia de São Félix em 1971 pelo papa Paulo VI, continuou morando numa casinha de madeira, usando um chapéu de palha no lugar da mitra e um cajado indígena em vez do báculo. Manteve-se a serviço dos oprimidos. Poeta que era, disse no poema *Canção da Foíce e do Feixe*: “*Me chamarão subversivo e lhe direi: eu o sou. Por meu povo em luta, vivo. Com meu povo em luta, vou*”.

Hoje, as comunidades de base, pastorais, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Pastoral da Terra, Movimento de Trabalhadores Cristãos, Teologia da Libertação, Teologia da Enxada e outros expressam o verdadeiro cristianismo, autêntico, fundamentado nos evangelhos e na prática das primeiras comunidades cristãs. Desse modo, a Religião verdadeiramente cristã, está longe de ser “*ópio do povo*”, sendo, ao contrário, energia libertadora de toda forma de opressão.